

LUCAS GABRIEL DEBORTOLI

ENSINO ONLINE COM MÉTODO SUZUKI:

Um estudo de caso sobre a flauta doce

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo
2023

LUCAS GABRIEL DEBORTOLI

ENSINO ONLINE COM MÉTODO SUZUKI:

Um estudo de caso sobre a flauta doce

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Música da Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra Ana Luisa Fridman.

São Paulo
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Debortoli, Lucas Gabriel
Ensino online com método Suzuki: Um estudo de caso
sobre a flauta doce / Lucas Gabriel Debortoli;
orientadora, Ana Luisa Fridman. - São Paulo, 2023.
64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Música / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Flauta Doce. 2. Ensino Online. 3. Suzuki. I.
Fridman, Ana Luisa. II. Título.

CDD 21.ed. - 780

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Um dia você descobrirá que a melhor e maior benção da terra é poder entrar em contacto com pessoas dotadas de alta humanidade que, também através de sua arte, têm uma alma pura e nobre. [...] Entretanto, para perceber e assimilar essas qualidades, precisa-se humildade e poder de julgar, que só vêm através da sinceridade, do amor e do conhecimento. [...] Temos de nos educar a partir de dentro, para poder aproveitar a grandeza dos outros. [...] Nunca perca sua humildade, porque o orgulho obscurece o poder de perceber a verdade e a grandeza.

Shinichi Suzuki

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Solange e Marcelo, pelo *apoio constante*. À minha irmã, Mariana, e aos meus familiares, pelo *carinho*. E, especialmente, à minha orientadora Ana Luisa Fridman e a todos os meus professores, pelo *exemplo*. Agradeço aos colegas professores Suzuki que passaram pela minha trajetória, compartilhando experiências e ajudando a pensar sobre o ensino. Um agradecimento especial ao meu professor de flauta doce, Gustavo de Francisco, e à professora Renata Pereira, por me apresentarem a esse mundo onde *educação é amor* e me darem suporte para vir fazer esse curso de graduação.

RESUMO

DEBORTOLI, Lucas Gabriel. *Ensino online com método Suzuki: Um estudo de caso sobre a flauta doce*. 2023, 64p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Resumo: Neste trabalho são apresentadas experiências e reflexões sobre o ensino online de flauta doce com uso do método Suzuki de educação musical. O objetivo é demonstrar a viabilidade deste formato, bem como, as estratégias empregadas na realização de aulas de música planejadas para o ambiente online. O trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro uma apresentação do ensino online, destacando conceitos relacionados ao tema, contextualizando o meio em âmbito nacional e apresentando diferentes modalidades possíveis de ensino neste ambiente. No segundo capítulo, é apresentado o método Suzuki de educação musical, seus principais conceitos e a filosofia de ensino e vida de Shinichi Suzuki. Utilizou-se como base desta pesquisa o livro Educação é Amor (2008), de autoria do próprio criador do método. No último capítulo o autor demonstra, com base nas experiências que vivenciou entre 2016 e 2023, como o método Suzuki pode ser aplicado no ensino online, incluindo reflexões, estratégias e exemplos aplicados de crianças até idosos.

Palavras-chave: Flauta Doce. Ensino Online. Suzuki.

ABSTRACT

Abstract: This work presents experiences and reflections about online recorder teaching using the Suzuki method of music education. The purpose is to demonstrate the viability of this teaching format, as well as the strategies used on music classes planned for the online environment. The work is divided into three chapters, the first consisting of a presentation of online teaching, highlighting concepts related to the topic, contextualizing at a national level and presenting different teaching modalities possible in this environment. The second chapter presents the Suzuki method of musical education, its main concepts and Shinichi Suzuki's philosophy of teaching and life. The book *Educação é Amor* (2008), written by the creator of the method himself, was used as the basis of this research. In the last chapter, the author demonstrates, based on experiences he had between 2016 and 2023, how the Suzuki method can be applied in online teaching, including reflections, strategies and examples applied from children to the elderly.

Key-words: Recorder. Online teaching. Suzuki.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	10
LISTA DE FIGURAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 01: ENSINO ONLINE.....	14
1.1 Ensino à distância.....	14
1.2 Ensino online.....	15
1.3 Modalidades de ensino online.....	18
CAPÍTULO 02: MÉTODO SUZUKI DE EDUCAÇÃO MUSICAL.....	23
2.1 Educação é amor.....	23
2.2 Influências na filosofia de Suzuki.....	24
2.3 Filosofia Suzuki.....	25
2.4 Meus sonhos são para o futuro da humanidade.....	32
CAPÍTULO 03: ENSINO ONLINE COM MÉTODO SUZUKI.....	33
3.1 Formato de aula.....	33
3.2 Criando o ambiente.....	39
3.3 Recitais online.....	42
3.4 Repetição e brincadeiras.....	46
3.5 Aulas individuais e em grupo com diferentes públicos.....	51
3.6 Modalidades auxiliares.....	53
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ANEXO I:.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
CSEM	Centro Suzuki de Educação Musical
EAD	Educação à distância
ERE	Ensino remoto emergencial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MIDI	Musical Instrument Digital Interface ¹
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

¹ Em português: Interface Digital de Instrumentos Musicais.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 01 - Panorama do uso da internet.....	17
Gráfico 02 - Uso da internet por grupos de idade.....	19
Imagen 01 - Vídeo instrutivo de como habilitar o som original no Zoom (2021).....	35
Imagen 02 - Configurações de áudio no Zoom.....	36
Imagen 03 - Compartilhamento de tela no Zoom.....	39
Imagen 04 - Meu aluno online, Lucas Tomazini, na Maratona Suzuki de Flauta Doce de São Paulo (2022).....	42
Imagen 05 - 1º Recital Virtual (2020).....	44
Imagen 06 - Série Renascimento - Episódio 2: Chansons (2021).....	45
Imagen 07 - Vídeo-guia para música Noite Feliz (2021).....	46
Imagen 08 - Vídeo-guia da música El Grillo com regência (2021).....	47
Imagen 09 - Quebra-cabeça do barco e da casa.....	48
Imagen 10 - Partes da flauta.....	48
Imagen 11 - Jogo da memória para o livro 01 - Pré-estrelinha.....	49
Imagen 12 - Exemplo de jogo de revisão com mistério (04/11/2020).....	50
Imagen 13 - Exemplo de participação dos pais, cooperação e reforço positivo (2020).....	51
Imagen 14 - Criando um padrão rítmico com Chrome Music Lab (2021).....	52
Imagen 15 - Exemplo de uso do Google Classroom (mural, práticas e escutas da semana)..	56
Imagen 16 - Exemplo de aula assíncrona com brincadeiras (2020).....	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um conjunto de experiências e reflexões sobre o ensino online com método Suzuki de educação musical. Decidi pesquisar esse tema porque está diretamente associado a minha experiência de aprendizado, tanto como estudante de música, quanto como professor de flauta doce. Tive meu primeiro contato com a flauta doce em 2014, em um projeto realizado na Escola Estadual do Campo Pio X², em São Jorge D’Oeste - PR, com a professora de arte Neusa Regina Wachholz³. Em 2016, dada a carência de professores especialistas em flauta doce na minha região, passei a fazer aulas online com Gustavo de Francisco, do Centro Suzuki de Educação Musical (CSEM) de São Paulo. Nesse mesmo ano comecei minhas experiências como professor, utilizando também o método Suzuki.

As experiências que tive com Gustavo me trouxeram para São Paulo para fazer o curso de Licenciatura em Música da Universidade de São Paulo (USP). Porém, em 2020, quando iniciei o curso, as medidas de isolamento social me fizeram voltar ao Paraná e ao ambiente online. Foi quando comecei a dar aulas, também, online, e não parei desde então. Nesse sentido, fiz a maior parte da minha formação tendo aulas online, tanto no CSEM quanto na USP e, em fevereiro de 2024, completam quatro anos que dou aulas apenas neste meio.

Decidi, então, contemplar esses oitos anos de experiência neste trabalho. Sinto que ainda há muito o que se refletir e experimentar, especialmente sobre o ensino para adultos com método Suzuki, mas, até aqui, tive experiências muito ricas, principalmente com crianças pequenas que, com auxílio dos seus pais, conseguem ter uma excelente formação musical (e humana) estando a muitos quilômetros de distância do seu professor.

O primeiro capítulo deste trabalho começa com uma reflexão sobre a diferença entre ensino online e ensino a distância, compreendendo que ensino a distância abrange muitas modalidades além do ensino online, e que, o ensino online pode acontecer sem a distância. Também justifico, nessa primeira seção, a escolha por abordar bibliografias anteriores à 2020, que não focam no ensino emergencial à distância, porque difere daquilo que vou apresentar, que é um ensino planejado para o ambiente online.

Em seguida, faço uma contextualização do que é o ensino online, utilizando como base os trabalhos de Daniel Gohn, da Universidade Federal de São Carlos. Também utilizo

² Essa experiência pedagógica está presente no livro *Escola pública do campo e agroecologia: um horizonte em construção* (DEBORTOLI; ALBA, 2019).

³ A professora relatou essa experiência na sua dissertação de mestrado *A musicalização na educação integral: um estudo na Escola do Campo de Pio X no sudoeste do Paraná* (WACHHOLZ, 2020).

dados do IBGE para demonstrar o quanto o acesso à internet evoluiu nos últimos anos, tornando o ensino online mais acessível. Na última seção, escrevo sobre as modalidades de ensino online, refletindo sobre a aplicabilidade de cada uma e exemplificando-as.

No segundo capítulo faço um panorama do método Suzuki de educação musical, utilizando como base o livro *Educação é Amor* (2008), do próprio criador do método, Shinichi Suzuki. Começo com uma pequena contextualização, sem entrar em detalhes da história, e então, apresento a obra e como surgiu o método da língua-mãe.

Na sequência, escrevo sobre ideias que influenciaram a filosofia de Shinichi Suzuki, destacando a forma de pensar de seu pai, as suas experiências escolares, e alguns autores, como Tolstoi, que são citados por Suzuki ao longo do livro. Depois, faço um panorama da filosofia do autor, citando os tópicos e exemplos abordados por ele. Escrevo sobre: talento, repetição, ambiente, exemplo, caráter, excelência, proatividade, autodisciplina, perseverança, paciência, memória, diversão, intuição e o papel dos pais no processo do ensino. Todos esses são assuntos que preocupam o autor e que são fundamentais na sua forma de ensino.⁴ Por fim, no último tópico, destaco os objetivos do autor com seu método.

No terceiro capítulo relato as diversas experiências que tive utilizando o método Suzuki de educação musical e faço reflexões com base nestas experiências. Começo discutindo a modalidade de aula online que utilizei, a *videochamada*, depois os softwares, destacando as funcionalidades do *Zoom*, e as estratégias de ensino elaboradas para as dificuldades que encontrei.

Em seguida, escrevo sobre a construção do *ambiente* no ensino online, uma questão fundamental na filosofia Suzuki. Neste tópico discorro sobre a participação dos pais na construção do ambiente, a importância das gravações como referências musicais em casa, ajustes necessários no ambiente de aula e outros assuntos relacionados, juntamente com as diversas estratégias empregadas.

O terceiro tópico deste capítulo é dedicado aos recitais online. Um dos principais fins do ensino de música, é a performance. Nela, e durante o processo, trabalhamos muitas outras coisas, como caráter, disciplina, etc., mas tendo como objetivo, levar música para outras pessoas. Nesse sentido, esse tópico é dedicado a refletir sobre as diversas formas de apresentar música online, fazendo um panorama das estratégias que utilizei em diferentes situações pedagógicas.

⁴ Muitas pessoas conhecem o método Suzuki pelos livros com partituras, mas vale ressaltar que estes são apenas coletâneas de repertório, o método Suzuki, de fato, tem uma filosofia de ensino, apresentada no segundo capítulo deste trabalho, que é muitas vezes ignorada por professores de música, mesmo por alguns que utilizam esse material.

No quarto tópico, falo sobre as brincadeiras que utilizo para tornar as aulas mais divertidas, um assunto importante na filosofia Suzuki. Além de refletir sobre a diferença entre os jogos online e presenciais, apresento atividades com diversas finalidades, como a repetição e a construção do caráter, dois conceitos centrais para Shinichi Suzuki. Esse apanhado de exemplos é focado no público infantil.

O público adulto e de terceira idade está contemplado no quinto tópico, onde reflito sobre os tipos de aula empregados e a duração de aula. Por fim, no sexto e último tópico, faço um apanhado de exemplos de modalidades auxiliares para o ensino de flauta doce online. Destaco as principais referências e meios que utilizei, além de refletir sobre o papel do professor na escolha e seleção desses materiais. Com isso, é possível ter um panorama amplo do ensino online com método Suzuki de flauta doce.

CAPÍTULO 01:

ENSINO ONLINE

1.1 Ensino à distância

Ao iniciar esta pesquisa escolhi o termo “educação à distância” (EAD) para designar o assunto que seria pesquisado. Ao visitar diferentes bibliografias, entendi que EAD é um termo muito amplo, eu queria pesquisar, especificamente, a temática do ensino online. No trabalho de Fernandes, Henn e Kist (2020) os autores traçam um panorama amplo do ensino a distância, o que me ajudou a entender a complexidade do termo em questão.

Primeiro, em um sentido histórico, EAD não trata apenas do uso da tecnologia da internet, como é comum hoje, mas também engloba o uso de outras tecnologias, como cartas, rádio e televisão. Depois, pensando em descrever o termo, os autores apresentam um panorama do EAD na legislação brasileira e discutem, comparando pesquisas e bibliografias internacionais, a diversidade de definições para o conceito de ensino a distância.

Luzzi (2007), em uma pesquisa que analisou mais de quarenta definições sobre EAD, aponta que a maioria dos autores analisados tem uma espécie de definição geral sobre EAD. Nisso há duas características em comum, sendo a primeira delas a separação – de forma física – e o uso dos meios de comunicação. (FERNANDES; HENN; KIST, 2020, p. 4).

A separação, destacam os autores, não se refere apenas à distância geográfica, mas também em relação ao tempo. A relação professor e estudante, na modalidade EAD, nem sempre é simultânea, assim como a relação estudante e material (ou professor e material). O momento de acesso ao conteúdo é relativo e pode ser adaptado, por exemplo, para um momento mais oportuno na rotina da pessoa. Nesse sentido, falar sobre ensino de flauta doce à distância seria um assunto muito amplo para o meu propósito.

Este trabalho também não se refere ao ensino remoto emergencial. Nos quatro últimos anos (2020-2023) foram escritos diversos trabalhos sobre as modalidades de ensino não presencial, especialmente sobre o Ensino Remoto Emergencial (ERE), alternativa decorrente do isolamento social causado pela COVID-19.

Ainda em março de 2020 foi escrito um artigo na revista EDUCAUSE, traduzido por Nathália Marcon, intitulado “A diferença entre ensino remoto emergencial e ensino a distância” (MARCON; REBECHI, 2020), discutindo termos e diferenciando ERE e EAD. A “Educação online Eficiente”, título de um dos capítulos deste artigo, se distingue do Ensino Remoto Emergencial pelas pedagogias empregadas, neste caso, a diferença entre uma aula

planejada para o ambiente virtual e uma aula planejada para o ambiente presencial que foi adaptada para o ambiente virtual.

Mesmo que as experiências que vou apresentar aqui compartilhem do mesmo período em questão, 2020-2023, vou discutir e apresentar uma modalidade não emergencial para o ensino de flauta doce online através do método Suzuki.

1.2 Ensino online

O ensino online pode ser entendido como uma modalidade de ensino à distância, mas não só. Como destaca Johnson (2016, p. 15) “ensino online abrange uma variedade de formatos de aprendizagem que utilizam a Internet como veículo para conectar os alunos com a aprendizagem” (tradução nossa). Ou seja, é uma modalidade associada à internet e que pode acontecer “sem distância”, por exemplo, com uso de ferramentas online durante uma atividade presencial. É o caso do uso de questionários, como *Mentimeter*⁵, onde os alunos se conectam a um site através do celular (ou computador) e respondem individualmente à enquete, que apresenta os resultados para o professor em tempo real.

O ensino online, portanto, é uma ferramenta recente, que surge com a invenção da internet. Para efeitos de comparação, a internet só se tornou acessível ao público em 1995, a menos de 30 anos, enquanto o ensino a distância vem sendo utilizado já a cerca de dois séculos (JOHNSON, 2016). Na área da música, como destaca GOHN (2013), uma das primeiras experiências de ensino online aconteceu em 1996, em um curso de tecnologia musical organizado por David B. Williams, na Illinois State University (Apud Rees, 2002).

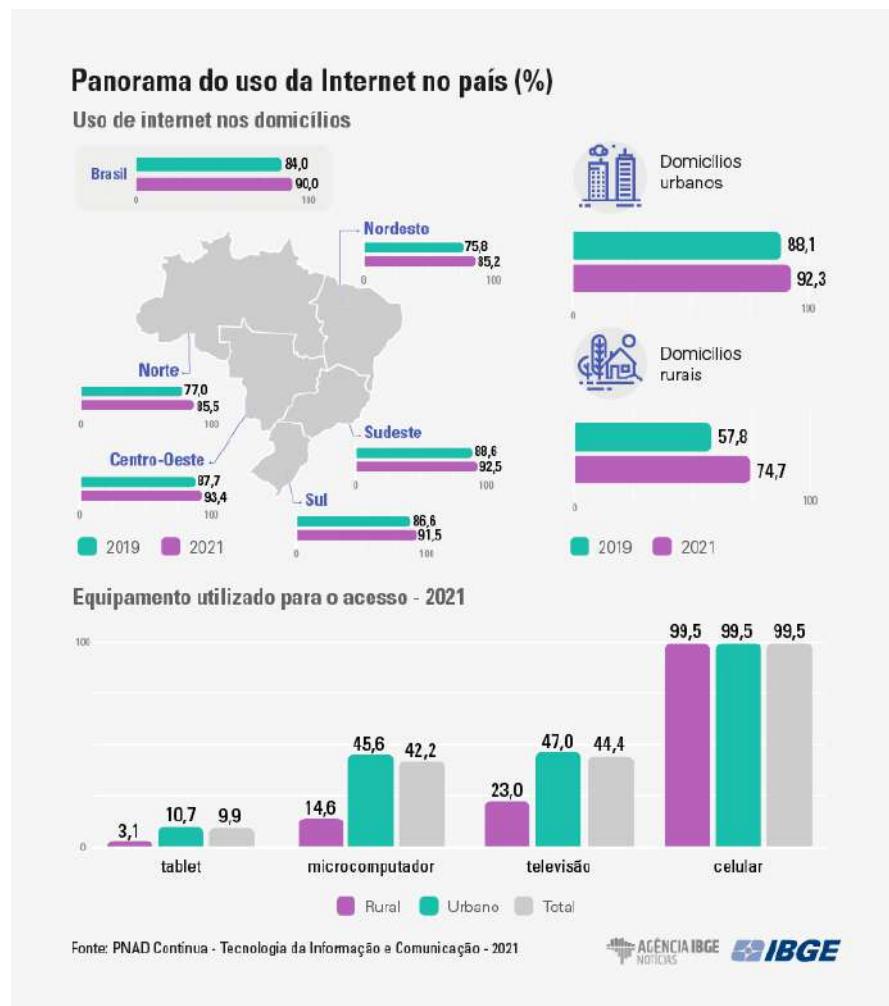
Primordialmente, a principal ferramenta de ensino online era a palavra escrita, uma vez que, a capacidade de transmissão pela internet era bastante limitada, vídeos e áudios circulavam principalmente via CD-ROMs. Logo se popularizou o formato MP3 e as músicas digitalizadas passaram a circular também pela rede. Nessa época, o *streaming* de áudio era limitado pela velocidade de conexão, o que mudou no final dos anos 2000 com o crescimento e a baixa dos custos de acesso à internet via banda larga. Tornou-se possível baixar áudios, vídeos e filmes inteiros, em poucos minutos. Também ficou mais fácil o acesso a arquivos sem fazer download, ou seja, *arquivos em nuvem*. Na área da música era possível editar partituras e produzir música de forma colaborativa online (GOHN, 2010).

No Brasil, nos últimos 10 anos, novas possibilidades vêm surgindo com os avanços no acesso à internet e, especialmente, pela difusão e barateamento de tecnologias de acesso, como aparelho celular. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁵ <https://www.mentimeter.com/pt-BR/features/quiz-presentations>

(IBGE) (2021), a internet já é acessível em 90% dos domicílios do país, com um aumento significativo nas áreas rurais e com menor disparidade entre as regiões, como podemos ver no gráfico abaixo (Gráfico 01):

Gráfico 01 - Panorama do uso da internet



Fonte: Nery e Britto (2022).

Fazendo um paralelo com dados da PNAD do IBGE: “Em 2013, as regiões Sudeste (57,7%), Sul (54,8%) e Centro-Oeste (54,3%) tiveram proporções de internautas superiores à média nacional de 50,1%. O Norte, com 38,6% do total da população, e o Nordeste, com 37,8%, ficaram abaixo.” (G1, 2014). Podemos observar que, em relação a esse período, aumentou consideravelmente o acesso geral, e mesmo as regiões norte e nordeste estando também abaixo da média nacional em 2013, a proporção diminuiu em 2023, o que denota um

avanço nas condições de acesso⁶. “Dez anos atrás, 102 milhões de brasileiros - metade da população, na época - acessavam a internet; hoje, são 181,8 milhões - 84% da população” (BUONO; TAVARES, 2023).

A crescente de acesso a internet está muito atrelada à aquisição e uso do aparelho celular. Há 10 anos, em 2013,

O microcomputador foi o principal meio de acesso à Internet, utilizado em 88,4% dos domicílios com acesso. O telefone celular foi declarado por 53,6% e 17,2% disseram usar o *tablet*. A região Norte apresentou o maior percentual de domicílios que utilizavam o telefone móvel para o acesso à Internet (75,4%), superando o acesso através do microcomputador (64,8%). [...] Apesar de possuírem as menores proporções de pessoas com telefone móvel celular para uso pessoal no total da população, na comparação 2005/2013, as regiões Norte (de 26,4% para 66,7%) e Nordeste (23,9% para 66,1%) foram aquelas com maiores crescimentos de acesso. (FONTE: PNAD 2015)

Essas informações demonstram o papel importante do aparelho celular no acesso a internet em regiões mais remotas. Mesmo o microcomputador sendo o principal meio de acesso no país em 2013, o telefone celular era o principal meio de acesso para os estados da região norte. Hoje, o aparelho celular é a forma mais comum de acesso à internet, utilizado em 99,5% dos domicílios, tanto urbanos quanto rurais, superando significativamente os microcomputadores (42,2%) e a televisão (44,4%), mais presentes no meio urbano. Nesse sentido, é possível pensar o aparelho celular como uma ferramenta que supera barreiras sócio geográficas no acesso à informação⁷.

O aparelho celular é bastante versátil e acessível para os diversos públicos. É possível trabalhar com diversas ferramentas educacionais, desde aplicativos até videoconferências, com transmissão de imagem e vídeo em tempo real. Além disso, a média de velocidade da internet hoje, seja fixa ou móvel, é mais que suficiente para realizar estas atividades. Para o aplicativo de videochamadas *Zoom*, por exemplo, a velocidade mínima necessária é 600Kbps/1,0Mbps para conferências de vídeo em alta qualidade, e 3,0/3,8Mbps para conferências em Full HD (ZOOM, 2023). A velocidade média da internet móvel no Brasil é de 44,15 Mbps.

Segundo dados do Speedtest (10/2023) o Brasil é o 30º país com maior média de banda larga fixa no mundo, atrás do Chile (3º) e Uruguai (28º) na América Latina, mas com velocidade superior a vários países bem desenvolvidos, como Bélgica (51º), Alemanha (55º) e

⁶ Esses dados são importantes para entendermos a viabilidade do ensino online hoje, além de como aumentaram os públicos que acessam a internet, tanto no sentido geográfico, quanto etário e social.

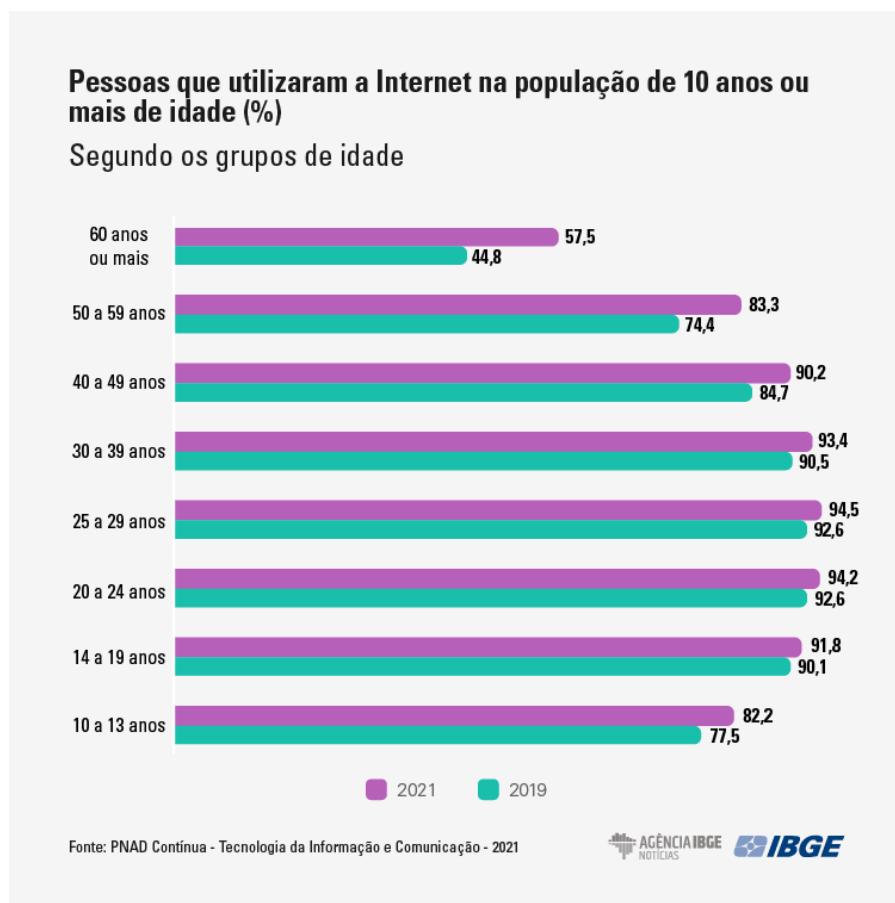
⁷ Isso demonstra a necessidade de se pensar metodologias de ensino online através do telefone celular, já que é o meio de maior acesso. Com isso, precisamos pensar: Quais são os desafios do ensino via celular? Como lidar com eles?

Itália (72º). A velocidade média de download é 136,92 Mbps. Já na internet móvel, o Brasil está em 50º, com velocidade média de 47,98 Mbps.

Em contrapartida, isso tudo tem um custo. Segundo dados da empresa holandesa Surfshark (2022), que classifica os países com base no salário mínimo e o preço da internet, o Brasil está na 53ª posição no ranking mundial e em 4º lugar na América Latina. Ou seja, mesmo com uma boa média de velocidade, ainda pagamos um alto custo por ela.

Outro dado interessante é o aumento do uso da internet entre pessoas com mais de 60 anos, o que denota uma expansão social e etária destas ferramentas. Neste sentido, também cresce a viabilidade do ensino online para públicos das extremidades das faixas etárias, tanto crianças quanto idosos.

Gráfico 02 - Uso da internet por grupos de idade



Fonte: Nery e Britto (2022).

1.3 Modalidades de ensino online

Hoje são muitas as possibilidades de aprendizagem através da internet, escolher a modalidade de ensino mais adequada é relativo às necessidades pedagógicas, ferramentas

disponíveis, conectividade e acessibilidade do software escolhido. Na minha experiência, o professor que ensina online vai utilizar várias modalidades juntas, de forma a complementar suas necessidades educacionais. Neste trabalho, quero dar um enfoque no ensino via videochamada, mas, justamente pelo motivo que mencionei, acho importante fazer um panorama das possibilidades e ferramentas disponíveis.

Dentre os vários formatos de aprendizagem possíveis, vou diferenciar aqueles que acontecem *sem* interação e os que acontecem *com* interação:

No primeiro grupo, sem interação, podemos destacar: ferramentas escritas, como sites (Wikipédia, por exemplo); em formato de áudio, como *podcasts* e *streamings*; em formato de vídeo, como aulas pré-gravadas em plataformas de curso, ou mesmo, em sites, como YouTube; e em formato de aplicativo, ou *software*, seja para computador de mesa ou *mobile*.

Estes são formatos de aprendizagem online bastante utilizados por autodidatas e amadores nos dias de hoje, muito influenciados pela ideia de que não é preciso professor, já que toda informação necessária pode ser encontrada na internet. O *feedback*, entretanto, é fundamental para o desenvolvimento saudável do estudante. Gohn (2013) escreve: “Ainda que a preparação dos vídeos e textos seja cuidadosa, não há garantias de que o aluno esteja livre de erros, muitos dos quais podem resultar em tensões musculares e lesões graves”.

Além disso, e especialmente na flauta doce⁸, existe uma parcela considerável de orientações com problemas de postura, embocadura e outras questões, que podem, além de comprometer a saúde física do aprendiz, impedir o seu crescimento técnico e musical, um fator capaz de gerar frustração no estudante.

Todavia, existem muitos materiais online pensados cuidadosamente para fins educacionais, são os chamados *recursos educacionais abertos*, “termo que foi popularizado a partir do projeto OpenCourseWare, iniciado pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology), em 2001” (GOHN, 2010). Posso destacar, por exemplo, o Google Acadêmico, uma plataforma de pesquisa da literatura acadêmica, ou mesmo, projetos como *flautadocebr*, site do grupo Quinta Essentia Quarteto, repleto de artigos bem escritos sobre flauta doce. Uma problemática destacada por Gohn (2010) é “o fato de que a maior parte desses materiais surge em inglês, sendo necessário dominar esse idioma para transitar entre muitos dos projetos citados anteriormente”.

⁸ Ainda existe uma linha de pensamento de que a flauta doce é um instrumento para crianças, ligado exclusivamente à musicalização, que é fácil de tocar e, por isso, músicos de outros instrumentos podem dar aulas com ele, mesmo sem conhecer ou ter uma orientação profissional sobre. Isso é um problema.

Nos formatos de aprendizagem *com* interação, podemos pensar em outros dois grupos: aqueles em que a interação se dá em tempo real (síncronos) e os que acontecem em diferentes momentos (assíncronos). No segundo caso, das interações assíncronas, podemos repensar os exemplos anteriores adicionando a interação via comentários, por exemplo. Isso acontece em sites, fóruns, blogs, mas hoje em dia, especialmente, a interação assíncrona acontece por meio das comunidades virtuais, principalmente através das redes sociais⁹ (facebook, instagram, twitter). Vale ressaltar, porém, a multiplicidade de opiniões que surgem nesses espaços, o que é bom para a abertura de perspectiva do estudante, mas também pode ser um problema, já que não se faz distinção entre o comentário de um profissional e de um não-profissional.

Outro caso de aprendizagem com interação assíncrona são os *Ambientes Virtuais de Aprendizagem* (AVA), destacados por Gohn (2010) e muito utilizados por cursos de EAD. Esses ambientes reúnem textos, imagens, sons, vídeos, e possibilitam diferentes dinâmicas de interação, desde o diálogo coletivo, até avaliações individuais. É o caso do Moodle e do Google Classroom. Essas ferramentas são muito úteis para organização do curso, uma vez que, o professor consegue estruturar seus materiais, assuntos e atividades, da forma que desejar. Também facilita para o estudante, muitas dessas ferramentas enviam lembretes e notificações sobre entrega de atividades e novos avisos adicionados ao mural.

Vale destacar, por fim, os cursos via plataformas online com *feedback*. Esse é um formato bastante popular na atualidade, plataformas como Hotmart¹⁰, permitem que pessoas criem e vendam produtos digitais, como cursos online, sobre assuntos diversos. Muitas dessas plataformas possuem o recurso do *feedback*, que permite ao estudante ter um retorno enquanto está aprendendo. Outro exemplo de plataforma conhecida e que possui, inclusive, cursos de música certificados pela *Berklee*, é o *Coursera*. Neste site, além do *feedback* escrito, muitas vezes é solicitado ao estudante um retorno via vídeo.

Mesmo a música sendo um fenômeno puramente auditivo, a visualização da ação é fundamental no processo de aprendizado, tanto para o estudante quanto para o professor. Gohn (2013) escreve sobre a importância do contato via vídeo:

...o uso de vídeos sempre foi fundamental para a demonstração de exercícios e práticas com os instrumentos. [...] O contato síncrono apenas com áudio, sem imagem, justifica-se apenas quando há limitações de equipamentos para alcançar diversas localidades [...] Mas, para que sejam possíveis feedbacks completos em todos os aspectos, a comunicação visual é primordial (Gohn, 2011). (GOHN, 2013).

⁹ Mesmo sendo meios de comunicação híbridos (assíncronos e síncronos), pode-se dizer que as redes sociais são predominantemente assíncronas.

¹⁰ Plataforma digital fundada em 2011 pelos brasileiros João Pedro Resende e Mateus Bicalho. Utiliza o slogan: “aprenda o que quiser, ensine o que souber”.

Um grande bônus das aulas assíncronas é a possibilidade de assistir repetidas vezes a aula, ou mesmo, no caso do professor, poder rever a execução do aluno. Também tem a vantagem da qualidade da aula não depender da conexão com a internet, já que as aulas podem ser baixadas e assistidas depois do carregamento completo. No entanto, escreve Gohn (2013), “os alunos podem esperar longos períodos para resolver mesmo as questões mais simples, e não têm chance de sanar eventuais dúvidas sobre o retorno dado pelo professor”.

É nesse sentido que chegamos aos formatos de aprendizagem com interação síncrona. “Esse formato é uma alternativa para que músicos em cidades pequenas e zonas rurais tenham acesso a aulas de instrumento regularmente, como se estivessem frequentando uma escola ou a casa do professor.” (GOHN, 2010). Nesse grupo, posso destacar os ambientes informais de comunicação, como aplicativos de mensagem (WhatsApp, Messenger, Instagram Direct, Telegram) e os aplicativos de videoconferência (Zoom, Skype, Meet). Os aplicativos de mensagem são muito eficientes para uma comunicação rápida e simples entre professor e estudantes. É possível enviar lembretes, links, áudios, etc. tudo isso de forma ágil, otimizando o tempo de comunicação.

Os aplicativos de videoconferência, por outro lado, além de possibilitarem a comunicação rápida, também nos permitem ver e ouvir o estudante em tempo (quase) real. É o que Gohn (2010) define como *aulas de instrumento que reproduzem situações presenciais*. Esse é um assunto que tem interessado a comunidade acadêmica e que está presente na rotina de muitas pessoas. Especialmente após o período de isolamento social (2020-2022), essas ferramentas se desenvolveram e se tornaram populares nas mais diversas áreas, incluindo a educação.

Hoje, precisamos pensar no ensino via videoconferência para além da simples reprodução de uma aula presencial. Além de não ser um formato completamente funcional, já que muitos recursos do ensino presencial não se aplicam no ensino via videoconferência, estes são espaços férteis e com possibilidades pedagógicas completamente novas. É válido pensar em adaptar ferramentas presenciais como: comunicação oral, slides e quadro branco, mas existe uma nova gama de recursos, como: superposição de vídeos, enquetes e comunicação não verbal, que são muito válidos, especialmente em um mundo rodeado de comunicação visual. Acredito que essas ferramentas podem agregar muito interesse no material de aprendizagem, especialmente para estudantes das novas gerações.

A dificuldade deste formato ainda está nos recursos físicos necessários, como uma conexão estável de internet, bons aparelhos para captação e reprodução do áudio e do vídeo, etc. Essas são barreiras que, como expus no capítulo anterior, tem ficado cada vez menores.

Na minha experiência, já temos recursos suficientes para tornar o ensino via videoconferência uma modalidade popular e de fácil acesso. No terceiro capítulo vou descrever alguns dos recursos que tenho utilizado para ensinar flauta doce via videoconferência com base nas premissas da metodologia Suzuki de educação musical.

CAPÍTULO 02:

MÉTODO SUZUKI DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Shinichi Suzuki nasceu no Japão em 1898, estudou violino na Alemanha, enfrentou duas guerras mundiais e fundou um método de ensino de música reconhecido mundialmente. Detalhes da sua história constam no artigo recente que publiquei na revista Música em Foco da UNESP (Debortoli, 2022). Neste capítulo, pretendo destacar sua filosofia e ideias sobre educação, que serão refletidas no capítulo seguinte, buscando uma metodologia de ensino online que esteja de acordo com as premissas do método.

2.1 Educação é amor

Minha principal base de referência para falar sobre Dr. Shinichi Suzuki, seu método e filosofia, é o livro “Educação é amor: o método clássico da educação do talento” (SUZUKI, 2008), onde o autor apresenta, de forma autobiográfica, suas ideias e histórias. Vale ressaltar que a edição brasileira, da editora Pallotti (Santa Maria - RS), é uma tradução para português da tradução em inglês, feita por Waltraud Suzuki, esposa do autor, publicada pela editora Alfred com o título “Nurtured by Love: A New Approach to Education” (1983). As escolhas de tradução precisam ser consideradas com cautela, além de algumas incoerências ortográficas, acredito que alguns conceitos divergem do texto original, intitulado “Ai ni iku: sainō wa umaretsuki de wa nai” (1966).

O método Suzuki surgiu quando Shinichi Suzuki foi convidado a ensinar violino para uma criança de quatro anos no início da década de 30. Instigado pelo desafio, o professor passou a refletir sobre o que fazia uma criança (japonesa) falar japonês com tanta facilidade e fluência. Se uma criança é capaz de aprender uma língua, ela é capaz de aprender qualquer coisa, pensava ele. Por esse motivo, seu método ficou conhecido, também, como “método da língua-mãe”.

Sua metodologia contestava o sistema de ensino japonês dos anos 30, Suzuki defendia um ensino inclusivo e considerava errado julgar uma criança como mais ou menos inteligente ou capaz. Nesse sentido, sua escola ganha o nome, posteriormente, de Instituto de Pesquisa da Educação do Talento. Também achava errado uma criança ser julgada a partir do seu quinto ou sexto ano de vida, para ele, a educação começa no dia do nascimento. Vou apresentar a seguir alguns dos conceitos explorados pelo autor.

2.2 Influências na filosofia de Suzuki

A forma de pensar de Shinichi Suzuki tinha muitas influências de seu pai, Masakichi Suzuki, fundador da primeira fábrica de violinos do Japão, que também foi, na sua época, a maior do mundo. Vemos, na história e linha de pensamento do autor, muitos traços do Zen Budismo: “apesar de toda tristeza, o amor pode fazer a vida mais feliz. [...] A vida humana deveria consistir de amor e consolo mútuo. [...] Amor é gerado por amor.” (SUZUKI, 2008, p. 109-110). Ele também escreve:

A vida que procuramos viver é uma constante busca de felicidade. Só poucas pessoas buscam a sabedoria. Crianças, na sua simplicidade, buscam a verdade, a bondade, a beleza, baseando-se no amor. Isto, acredito, é “a verdadeira natureza do homem”, como foi descrito por Buda Gautama (SUZUKI, 2008, p. 111-112).

Além disso, Shinichi era muito humanista: “Meus sonhos são para o futuro da humanidade” (SUZUKI, 2008, p. 82), e anti-materialista: “cresci mais ou menos ignorando o valor do dinheiro.” (SUZUKI, 2008, p. 82). Sua linha de pensamento tinha muita influência de Tolstoi: “Foi Tolstoi que me ensinou a humildade” (Suzuki, 2008, p. 98). Ele relata que, aos 17 anos, quando teve contato com os diários de Tolstói, cresceu muito como pessoa. É ao Tolstoi que atribui seu fascínio pelas crianças pequenas, o que levou-o a criar seu *método da educação do talento* posteriormente.

Eu brincava com as crianças para aprender com elas. [...] A maioria dessas crianças bonitas cresceria para ser adultos cheios de suspeita, traições, desonestidades, injustiças, ódio, miséria e tristeza. Por quê? Por que não poderiam ser criadas para manter a beleza de suas almas? Deve haver alguma coisa errada com a educação. (SUZUKI, 2008, p. 88)

Suzuki tinha um real fascínio pelas crianças pequenas, todo seu trabalho estava dedicado a este público. “As crianças são uma imagem da vida na sua forma mais verdadeira, pois elas procuram viver em amor e alegria puras. [...] Está em nosso poder educar todas as crianças do mundo de maneira a fazê-las um pouco mais felizes e melhores.” (SUZUKI, 2008, p. 109). Ele destaca as características que admira nas crianças de 4 e 5 anos:

Elas não se enganam a si mesmas.
Elas acreditam nas pessoas e não duvidam nunca.
Elas só sabem como amar e não como odiar.
Elas amam a justiça e se atêm escrupulosamente às regras.
Elas buscam o prazer, vivem alegremente e são cheias de vida.
Elas não conhecem o medo e vivem em segurança. (SUZUKI, 2008, p. 88)

2.3 Filosofia Suzuki

A base da filosofia de Suzuki, como destacado anteriormente, é a premissa de que o talento não está ligado ao acaso e que **toda criança é capaz** de aprender.

Existem filiais da Educação do Talento no Japão todo. Qualquer criança pode entrar sem teste algum, porque o princípio é baseado na premissa que o talento não é inato e que qualquer criança adquire habilidades através de experiências e repetição (SUZUKI, 2008, p. 28).

Suzuki acreditava que a educação deveria **começar no primeiro ano de vida**. “Desta forma, já um lactente, assim como uma semente, absorve prazer em tudo que vê e ouve. E isto é o que forma e molda sua personalidade.” (Suzuki, 2008, p. 16). Por esse motivo, o autor devota seu método para ensinar crianças muito pequenas. Ele achava errado avaliar as crianças a partir dos seus cinco ou seis anos de idade, já que, os primeiros estágios da infância são os mais críticos para sua formação.

O autor enfatiza a importância da **paciência**, do **estímulo** e da **repetição** no início do processo de aprendizagem, “uma semente precisa de tempo e estímulo para germinar” (SUZUKI, 2008, p. 13). Ele entendia que, mesmo que os resultados não sejam visíveis imediatamente, é necessário o estímulo diário (água, luz e calor) para a habilidade (broto) surgir. Suzuki ainda completa: “Quando o broto alcança a luz do sol, passa a crescer mais rapidamente. [...] talento desenvolve talento” (SUZUKI, 2008, p. 14). Com estímulo, ambiente adequado e tempo, uma habilidade surge como consequência da outra.

Um conceito central, portanto, no método de Suzuki, é o **ambiente**. Ele dá diversos exemplos do papel do ambiente no aprendizado, desde o método para ensinar os rouxinóis a cantar¹¹, até o caso das crianças indianas criadas por lobos. Para ele, as pessoas nascem *sem talento* e ele é moldado conforme as necessidades do ambiente próprio e específico de cada um. “A força da vida se adapta de acordo com o ambiente” (SUZUKI, 2008, p. 19). A única habilidade superior que uma criança pode ter é se adaptar com maior rapidez ao seu ambiente. “Se Einstein, Goethe e Beethoven tivessem nascido na Idade da Pedra, não teriam eles somente a habilidade cultural e a educação da Idade da Pedra?” (SUZUKI, 2008, p. 24).

Nesse sentido, um ambiente fértil, ou superior, como escreve Suzuki, é fundamental para que a criança desenvolva habilidades superiores. “As condições desse ambiente é que irão formar o núcleo de sua habilidade.” (SUZUKI, 2008, p. 23). Para ensinar uma criança a cantar afinado, é necessário que, no ambiente dessa criança, tenha exemplos do cantar

¹¹ No Japão, os rouxinóis são ensinados a cantar tirando-os do ninho e prendendo-os em uma gaiola junto com um rouxinol-mestre que canta. Os rouxinóis selvagens que já saíram do ninho, quando feito o mesmo processo, não conseguem desenvolver o canto com tanto sucesso.

afinado. “O que não existe no ambiente não se desenvolve na criança” (SUZUKI, 2008, p. 24), o contrário também é válido, tanto no aspecto musical quanto social, se comportamentos indesejados estão presentes no ambiente da criança, é provável que ela se comporte indesejadamente.

Daí a importância do **exemplo**. Suzuki entendia que, um bom exemplo, individual ou coletivo, poderia mudar o ambiente e, por consequência, as pessoas que estão nele. Ele fala, por exemplo, sobre a importância de ouvir grandes músicos: “ouça as melhores interpretações musicais do mundo constantemente!” (SUZUKI, 2008, p. 62), e de buscar por grandes artistas para fazer aula: “Considero importante para o desenvolvimento da personalidade dos jovens que eles entrem em contato com pessoas extraordinárias.” (SUZUKI, 2008, p. 44). Suzuki destaca a importância do exemplo do professor, e também, dos pais. Outra frase, sem autoria identificada, que se atribui ao autor por representar bem suas ideias, é: “Crianças são excelentes em imitar, então dê a elas um bom exemplo”.

Outro aspecto importante do método Suzuki é o trabalho **com os pais**¹². “Pais que compreendem as crianças são bons professores.” (SUZUKI, 2008, p. 126). Suzuki entendia que os pais têm um papel fundamental no processo de aprendizagem e deveriam participar ativamente dele. “Olhar para uma criança menos habilitada na escola e dizer que isso é hereditário é um grave erro. O destino das crianças está nas mãos de seus pais.” (Suzuki, 2008, p. 22). Nas formações do método conversamos muito sobre o **triângulo Suzuki**, formado pelo estudante, professor e os pais. É fundamental a cooperação e boa relação, não só entre professor e estudante, mas entre professor e pais, e entre pais e filhos.

No final do livro, Suzuki descreve exatamente como ocorre a iniciação de uma criança no seu método e o papel dos pais nesse processo. Fiz questão de transcrever essa descrição por completo, por que é muito instrutiva e rica em detalhes:

Embora aceitemos crianças muito pequenas, não deixamos que comecem logo a tocar violino. Primeiro, ensinamos à mãe a tocar uma peça, de tal maneira que ela possa ser uma boa professora em casa. Para a criança, pedimos para ouvir, em casa, num disco, a peça que ela vai aprender. As crianças são, de fato, educadas em casa e, então, para que possa ensinar uma boa postura e uma atitude correta em relação à prática, é indispensável que a mãe receba as informações de primeira mão. Disso depende toda a educação correta da criança. Até que a mãe saiba tocar uma pela, não deixamos a criança tocar o violino. Esse princípio é muito importante de fato, porque, embora a mãe deseje que o filho o faça, uma criança de três ou quatro anos não está ainda com o desejo de aprender violino. A idéia é que se consiga que a criança diga: “Eu também quero tocar”; para isso, a primeira peça é tocada cada dia em casa e, na escola, a criança vê como as outras crianças e sua mãe têm aula. Criamos, assim, um ambiente adequado para a criança. A mãe, além disso, tanto em

¹² Podemos entender “os pais” de uma forma mais ampla se referindo a figura familiar predominante, ou seja, aquele membro que exerce maior influência, autoridade ou presença no ambiente familiar.

casa como na escola, toca com um violino pequeno adequado para a criança. Vai acontecer o momento em que ela vai tirar o violino das mãos da mãe e dizer: “Eu também quero tocar”. A melodia já é conhecida. As outras crianças têm seu prazer: ela quer participar. Desabrochamos nela esse desejo de tocar o instrumento. (SUZUKI, 2008, p. 125-126).

Além de serem importantes orientadores, os pais são como um “termômetro” para criança do que é certo-errado ou legal-chato, um conceito que a professora Renata Pereira¹³ explora em suas capacitações. Em geral, o nível de apreciação e interesse do aluno na aula e no professor está muito atrelado a relação que os pais têm com o mesmo. Suzuki escreve “penso que, em geral, precisamos apenas olhar para os pais para imaginar como serão os filhos” (SUZUKI, 2008, p. 27). O professor, portanto, não orienta apenas a criança, mas também os pais, por vezes até, “treinando mais os pais que a criança...” (SUZUKI, 2008, p. 125).

Outra questão é alinhar as expectativas com os pais, que muitas vezes querem que seus filhos estejam “acima da média” e não respeitam o desenvolvimento natural destes. “A única preocupação dos pais deve ser criar os filhos como seres humanos nobres. Isso é suficiente. Se essa não é a sua esperança maior, a criança poderá tomar um rumo contrário às suas expectativas.” (SUZUKI, 2008, p. 26).

Aqui entra um segundo conceito fundamental na filosofia Suzuki, que é a formação do **caráter** junto com a música. “Se um músico desejar ser um bom artista, precisa tornar-se, primeiro, uma pessoa melhor.” (SUZUKI, 2008, p. 110). Suzuki entendia que o ambiente do ensino de música era oportuno para cultivar valores éticos e morais. Essa é uma grande preocupação do autor, ele entendia que “Um verdadeiro artista é uma pessoa que reúne, em si, sentimentos, pensamentos e ações belas e esmeradas.” (SUZUKI, 2008, p. 110). Sua forma de trabalho estava, também, relacionada às experiências que teve na escola que frequentava em Nagoya, que tinha como lema: ““Caráter primeiro, habilidade depois”. [...] Esse princípio foi uma luz para o meu caminho e está inscrito no meu coração.” (SUZUKI, 2008, p. 88).

Outro conceito fundamental é o papel da **repetição** no processo de aprendizagem. “Nós temos de praticar e educar nossos talentos, isto é, repetir as atividades até que elas aconteçam naturalmente, fácil e simplesmente. Esse é todo o segredo”. (SUZUKI, 2008, p. 59). Suzuki destaca a importância da **prática diária** com o exemplo dos ninjas Ninjutsu, que são treinados a saltar praticando diariamente com uma árvore de cânhamo, uma espécie que cresce rapidamente. Os ninjas plantam a semente e saltam sobre o broto todos os dias. “Se, de repente, quisermos pulá-lo, sem ter praticado, não vamos conseguir. Mas, se estivermos

¹³ Renata Pereira é flautista, *teacher trainer* pela Associação Suzuki das Américas (SAA) e Associação da Europa (ESA), e fundadora do Centro Suzuki de Educação Musical em São Paulo.

concentrados no esforço de aprender a pular enquanto a planta cresce, teremos, naturalmente, muita facilidade.” (SUZUKI, 2008, p. 59).

O autor entendia que é no fazer diário que se conquistam as habilidades. “Quando uma criança pratica bem, pode-se sentir na sua maneira de tocar. [...] Quem não pratica o suficiente, não pode adquirir habilidades. Somente o esforço que realmente assumimos traz resultados. Não existem atalhos.” (SUZUKI, 2008, p. 128-129). Outra frase que se atribui ao autor, e demonstra a importância e o tom de leveza com que ele trabalha o assunto, é: “Você não precisa praticar todos os dias, basta aqueles que você comer”. Além da prática diária, o autor também fala sobre a importância de **praticar as coisas certas**, “Dependendo desses dois pontos - prática e prática nas coisas certas - qualquer habilidade superior pode se desenvolver em cada um de nós.” (SUZUKI, 2008, p. 129).

Outro assunto destacado é a importância da **repetição honesta**: “só ‘tocar passando por cima’ várias peças não significa praticar bem, se nenhuma delas é tocada realmente de maneira excelente” (SUZUKI, 2008, p. 61). Não basta aprender algo, é necessário repetir muitas vezes para ganhar maestria naquilo que se faz, é preciso buscar a **excelência**.

No processo de aprendizagem: primeiro a criança ouve muito a música. Depois elas tocam, em aula dadas com muito cuidado. E, depois de aprender os dedilhados, o professor ensina a **tocar com beleza**. “Esse é o começo das lições nas quais nós já nos preocupamos com a produção da melhor qualidade do tom, movimentos mais elegantes, precisão maior e melhor sensibilidades musical.” (SUZUKI, 2008, p. 130).

Para Suzuki, qualquer habilidade pode ser treinada para excelência em um programa de 10 anos, entretanto, a **proatividade** é algo fundamental para esse feito. “Todos temos insuficiências. A mais comum é a tendência de dizer ‘Vou fazer isso, ou aquilo’ e não começar imediatamente, não transformar intenção logo em ação.” (SUZUKI, 2008, p. 58).

Ele entendia que a procrastinação é um hábito que também vem da infância, quando as crianças recebem muitas ordens dos pais e se habituam a fazer as coisas com má vontade. “Essa reação de resistência torna-se um hábito subconsciente, a tal ponto que nem se consegue realizar as coisas por si próprio, sem ser mandado.” (SUZUKI, 2008, p. 117). Para o autor, precisamos treinar o **hábito de agir**. “O aperfeiçoamento de nossos talentos depende da ação e de dirigirmos nossa atenção às coisas a serem feitas. [...] Até o dia da nossa morte, não deveríamos poupar esforços para transformar nossas fraquezas em mérito” (SUZUKI, 2008, p. 58).

Suzuki entendia, portanto, que a repetição é a chave para desenvolver qualquer habilidade, ou mesmo, para corrigir uma habilidade errada: “Observamos que não se trata de

corrigir, mas de desenvolver uma nova habilidade em lugar da que estava errada.” (SUZUKI, 2008, p. 120). Para evoluir, precisamos querer e agir: “Sem ação, todo o pensamento é inútil. Por isso, é essencial habituar-se a agir, a transformar idéias em ações. Habilidades de todos os tipos podem ser desenvolvidas pela repetição. [...] ‘Onde há vontade, há caminho’” (SUZUKI, 2008, p. 120-121).

“Habilidade é vida. [...] Uma pessoa inativa não desenvolve habilidades” (SUZUKI, 2008, p. 29-30). Suzuki defendia uma educação **através da ação**:

O desenvolvimento de uma habilidade não pode ser conseguido pelo simples fato de pensar e teorizar, mas tem de ser acompanhado por ações e práticas [...]. Só na ação a potência da força vital pode se desenvolver inteiramente. A habilidade se desdobra com a prática. (SUZUKI, 2008, p. 30)

Ele escreve também sobre a importância da **autodisciplina**. “Habilidade não cresce sozinha, temos que educá-la.” (SUZUKI, 2008, p. 59). O seu método está muito relacionado aos desafios que enfrentou enquanto estudante e os aprendizados que teve com eles. “Qualquer um pode treinar a si mesmo, é só uma questão de usar o tipo certo de esforço. [...] Treinamento fraco origina habilidade fraca” (SUZUKI, 2008, p. 53). A **perseverança** é um valor destacado pelo autor: “Em qualquer trabalho que seja, o caminho para o sucesso é, afinal, manter-se firme em seus propósitos. Qualquer um pode fazê-lo, dependo só da vontade”. (SUZUKI, 2008, p. 62-63).

Outro assunto importante na prática do autor é o treinamento da **memória**: “A capacidade de memorizar é das mais importantes da vida e deve ser incutida profundamente.” (SUZUKI, 2008, p. 121). Ele faz referência ao autor Daisetsu Suzuki, que escreve sobre a importância da memória para refletir sobre as experiências vividas, ““Com a memória como base, o homem tem experiência e, por causa da experiência, ele consegue pensar””. (SUZUKI, 2008, p. 122). A memória das habilidades básicas é fundamental para o aprendizado de outras habilidades. Nesse sentido, tocar de cor, sem consultar notas escritas, é essencial. No meu processo de aprendizagem, lembro de uma aula que disse ao meu professor: “tocar sem partitura é libertador”. Continuo convicto disso.

Suzuki também adotava um formato de trabalho com **aulas individuais e em grupo**. Ele fala sobre a importância das aulas individuais, valorizadas pelos pais, que muitas vezes pensam que a aula em grupo é só um momento de recreação. Porém, enfatiza que, além das crianças gostarem mais das aulas em grupo, “Elas tocam junto com as crianças mais adiantadas, e essa influência traz um enorme e maravilhoso benefício para o aprendizado delas. Isso é a verdadeira educação do talento.” (SUZUKI, 2008, p. 127).

Para Suzuki, é importante que todos os aspectos fundamentais da técnica sejam trabalhados **desde as primeiras aulas**, sem deixar para depois. “Aquilo que não praticamos, durante nosso crescimento, exige muito esforço e dor mais tarde” (SUZUKI, 2008, p. 56). Ele ilustra com seu exemplo próprio em relação ao uso do dedo mínimo no violino: Por passar muitos anos focando nos outros dedos, seu dedo mínimo sempre teve uma destreza menor. Então, ele decide ensinar as crianças a usá-lo desde o início do aprendizado e escreve sobre o quanto inveja a destreza que seus alunos têm em relação a técnica desse dedo.

Nos relatos de Suzuki, também é perceptível quantas estratégias ele usava para trabalhar habilidades de uma forma **divertida**. Ele relata que sempre fazia jogos antes dos ensaios com as crianças, de forma a trabalhar sua concentração, destreza e “encher o ambiente de risos e sorrisos” (SUZUKI, 2008, p. 57). O autor também orientava os pais a deixarem as crianças explorarem e **brincarem** com o instrumento no início do processo, “O começo é jogo, mas o prazer leva ao progresso. [...] Começar dando às crianças o prazer de brincar com um brinquedo, deixando o espírito de divertimento levá-las pelo caminho certo - é assim que deveria iniciar toda a educação das crianças.” (SUZUKI, 2008, p. 127).

Mesmo tendo a resistência de muitos pais, essa era a instrução de Suzuki, dar o instrumento à criança, colocar um fundo musical para ela ouvir e, de vez em quando, mostrar a ela a maneira certa de tocar, mas deixando a criança livre. “Essa é a melhor forma de educação. O que importa é o resultado: que a criança adquira uma habilidade. [...] Primeiro, você deve educar o espírito e, depois, desenvolver a habilidade. Esse é o método correto e natural.” (SUZUKI, 2008, p. 127-128). Ele conta a história de uma menina de três anos que tocava três horas por dia... ao invés de uma boneca, sua mãe lhe deu um violino!

Uma frase emblemática do autor é “Não tenha pressa, mas não descanse” (SUZUKI, 2008, p. 62). Ele retoma, nesse sentido, a importância da **paciência** para chegar ao sucesso, “No confronto com uma alta montanha, não podemos atingir o topo com um salto, mas temos que ir passo a passo” (SUZUKI, 2008, p. 64). É nesse sentido que o autor escreve sobre a importância de perseverar nos desafios, manter-se firme no seu propósito e não desistir no meio do caminho. Para o autor, esse é o princípio fundamental do trabalho, outro assunto de destaque. Ele dá o exemplo, novamente, de uma árvore:

“Uma semente é plantada na terra. Não vemos quando a germinação começa. [...] Uma vez que a semente da habilidade está plantada, deve ser tratada com cuidado e paciência. Finalmente, o ‘broto’ ou talento se apresenta e tem de ser educado e criado com perseverança até que a ‘raiz’ ou poder se torne muito forte e indissoluvelmente ligada à personalidade. (SUZUKI, 2008, p. 63-64)

Suzuki também escreve sobre o treino da **intuição**, que ele chama de *kan*. “Intuição é a confiança que está adormecida na base de experiências racionais e age num instante, quando necessário. Também a intuição, assim como as outras qualidades, não pode crescer sem treino.” (SUZUKI, 2008, p. 75). Ele relata o momento que foi convidado a ensinar violino para uma criança cega e, ao se transportar a condição dela, entendeu que precisaria treinar sua intuição para tornar “visível” o instrumento (base e ponta do arco). “‘kan’ origina ‘kan’” (SUZUKI, 2008, p. 69). Trabalhando a intuição da criança, basta um ambiente fértil para as demais habilidades se desenvolverem. Ele também entendia que a habilidade da **improvisação** deveria ser treinada.

O autor tinha diversas críticas ao sistema de educação japonês. Uma delas, ressaltada por ele, é que a escola dava instruções ao invés de educar.

Se o esforço é só dirigido para informação e instrução, a verdadeira vida que se desenvolve na criança passa despercebida. [...] Mesmo não conseguindo mais nada, os nove anos de educação obrigatória deveria incluir pelo menos uma habilidade superior em cada criança. Não precisaria ser uma matéria de currículo. Por exemplo, se a criança pudesse aprender diariamente como ser amável com as pessoas, no seu quotidiano, que seja na escola, nas amizades ou em casa, que sociedade feliz poder-se-ia criar! Mas a educação de hoje ensina simplesmente o princípio, ‘seja amável’. O mundo está cheio de intelectuais que sabem muito bem que ‘devemos ser amáveis com os outros’, mas que são, no fundo, pessoas egoístas e infelizes. A sociedade de hoje é resultado dessa forma de educação. Desejo, se for possível, uma modificação da maneira de educar, não apenas dar instrução, mas dar educação no verdadeiro sentido da palavra, uma educação que estimule, que faça crescer e desenvolver as capacidades humanas, baseada sobre a vida em crescimento da criança. (SUZUKI, 2008, p. 113-115).

Suzuki também criticava o formato de **avaliação**, especialmente o sistema de provas: “Provas só podem indicar o quanto as crianças entenderam e se algumas não entenderam. [...] Na realidade, essas provas mostrariam mais a habilidade do professor do que do aluno.” (SUZUKI, 2008, p. 114). Ao invés desse formato, Suzuki testava as habilidades das crianças com brincadeiras. Umas das estratégias que utilizava, como exemplo, era fazer perguntas para as crianças enquanto elas estavam tocando:

Quando elas podem responder sem parar de tocar perfeitamente, então sei que essa capacidade está bem firmada, já se tornou uma segunda natureza. Se há, entre elas, uma criança para a qual tocar violino ainda não se tornou uma segunda natureza, então vai estar tão ocupada com seu desempenho que não vai responder ou, se responder, vai parar de tocar. (SUZUKI, 2008, p. 130-131).

Outra atividade que utilizava para testar o grau de controle adquirido e, ao mesmo tempo, avaliar as capacidades intuitivas das crianças, era fazer o gesto (mímica) de uma música sem tocar, para as crianças descobrirem qual é música e, logo em seguida, tocarem. “Assim, nós as ensinamos a serem rápidas, atentas e melhoramos sua riqueza de intuição”

(SUZUKI, 2008, p. 131). Conforme a criança evolui, as brincadeiras mudam, mas sempre se mantém o motivo “testar a capacidade intuitiva da crianças e aumentar suas habilidades.” (SUZUKI, 2008, p. 131).

2.4 Meus sonhos são para o futuro da humanidade

Com seu método da educação do talento, Suzuki buscava formar pessoas de bom coração, cultivar o amor ao próximo, desenvolver habilidades superiores nas crianças e torná-las bons profissionais. Quero destacar, aqui, quatro frases do autor que ilustram estas ideias:

“O objetivo da Educação do Talento é treinar as crianças, não para serem músicos profissionais mas para serem bons músicos e mostrar toda sua habilidade em qualquer profissão que escolherem.” (SUZUKI, 2008, p. 105).

““eu só quero formar bons cidadãos. Se uma criança ouve boa música desde o dia de seu nascimento e também aprende a tocar, desenvolve sensibilidade, disciplina e perseverança. Conquista, assim, um bom coração.”” (SUZUKI, 2008, p. 139)

Meu mais profundo desejo é de que todas as crianças deste mundo possam ser boas criaturas humanas, pessoas felizes, com habilidades superiores, e me dedico com todas minhas energias a realizar isso, pois eu estou convencido de que todas as crianças nascem com esse potencial. (SUZUKI, 2008, p. 115).

Um dia, o princípio da Educação do Talento, baseado na maneira como se aprende a língua materna, vai, certamente mudar o rumo da educação. Ninguém ficará para trás e, baseado em amor, ele desenvolverá a verdade, a alegria e a beleza como parte do caráter da criança. Se nada mais conseguir, pelo menos ensinará às crianças, durante os nove anos de escola compulsória a terem calor humano e prazer em fazer as coisas boas para os outros. Pode-se educar pessoas assim. (SUZUKI, 2008, p. 79)

Suzuki buscava um mundo onde todas as crianças tivessem acesso à educação e onde se fizesse acontecer, de verdade, a Declaração Universal dos Direitos da Criança.

CAPÍTULO 03:

ENSINO ONLINE COM MÉTODO SUZUKI

Minhas experiências de ensino online com método Suzuki iniciaram em 2016, quando comecei a fazer aulas de flauta doce com Gustavo de Francisco, do Centro Suzuki de Educação Musical de São Paulo. O meu caso era uma das situações mencionadas por Gohn (2010), porque morava no interior do Paraná e o melhor meio de acesso a aulas de instrumento era via internet. Ainda em 2016, comecei a dar aulas de flauta doce presencialmente com método Suzuki. Desde então, tenho feito cursos e capacitações no método, como: Filosofia Suzuki (2017 e 2020), flauta doce unidade 01 (2017 e 2020), flauta doce unidade 02 (2021), flauta doce unidade 03 (2021), estratégias de ensino (2021), Curso de Enriquecimento Bimbofisa - Projeto de Acordeom Suzuki (2021).

Em 2020, com a pandemia do coronavírus, passei a ensinar de forma remota. Mais que uma alternativa ao ensino presencial, o ambiente online já era um lugar conhecido e confortável para mim. Em 2021, dei aulas no programa *Cultura em Ação* da Secretaria Municipal de Cultura de Cascavel - PR, onde pude atender estudantes de vários lugares do Brasil e de diversas faixas etárias. Desde então, tive alunos entre 5 e 73 anos, tanto em aulas individuais quanto em grupo, e de todas as regiões do Brasil, mais de 10 estados, todos fazendo aulas online com método Suzuki.

Neste capítulo, vou fazer um relato dos recursos utilizados por mim e pelo meu professor para ensinar flauta doce online com método Suzuki de educação musical. Farei reflexões sobre como os aspectos da filosofia do autor, apresentados no capítulo anterior, foram incorporados às tecnologias e recursos apresentados no primeiro capítulo.

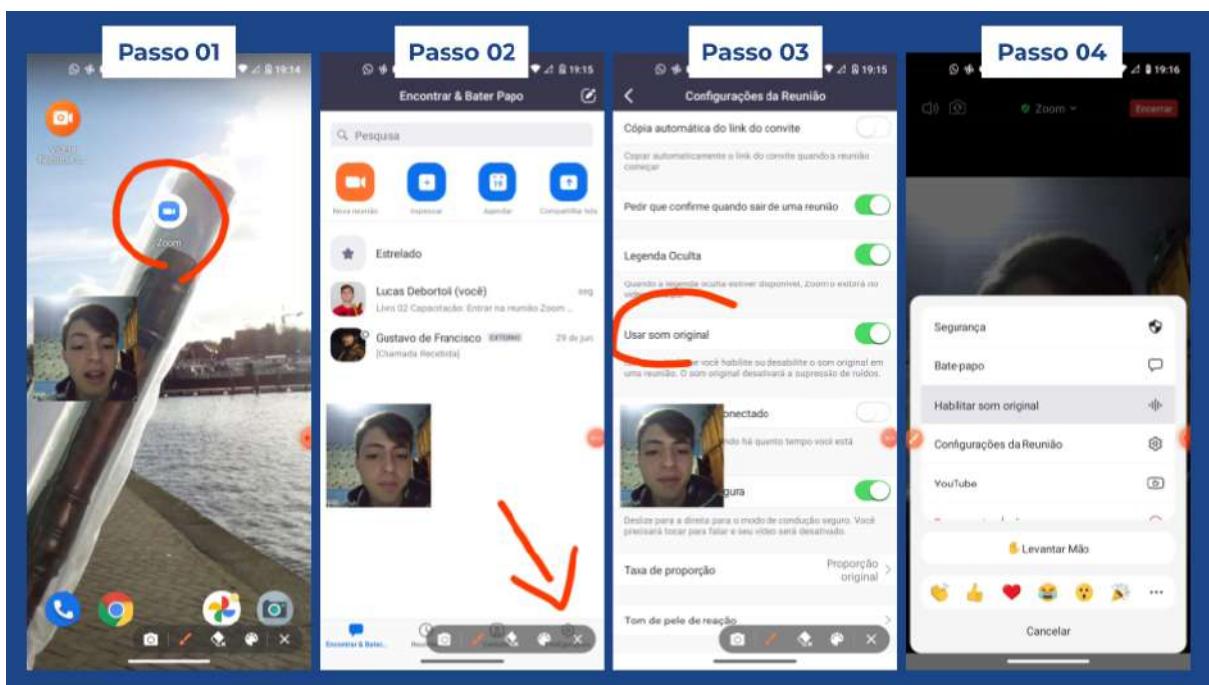
3.1 Formato de aula

Uma das questões fundamentais no ensino online é a escolha de um formato de aula coerente com os objetivos pedagógicos do professor. Como ressaltei no primeiro capítulo, é comum utilizarmos vários meios para chegar a um objetivo central, que é o aprendizado, mas é importante, para o estudante, que se cultive uma rotina de uso de um meio específico, tanto para sua organização, quanto para sua adaptação e conforto com a ferramenta. Na minha experiência, diferentes alunos levam tempos diferentes para se adaptar a cada meio. Nesse sentido, é muito importante a persistência e a paciência, por parte do professor, para lidar com

as dificuldades recorrentes. Vale considerar que, especialmente nas primeiras aulas, um tempo considerável será gasto para compreender como usar a ferramenta escolhida.

Dentre as estratégias que uso para facilitar esse processo, uma delas é fazer um encontro anterior ao início das aulas com a finalidade de testar questões tecnológicas. Outra estratégia é gravar a tela do celular, dando às instruções e demonstrando, passo a passo, como usar o software em questão. Para tal, costumo usar um gravador de tela, como *XRecorder*, que permite personalizar a gravação e incluir áudio (interno e externo), vídeo (tela e câmera) e desenhar na tela enquanto está gravando, como ilustrado abaixo (Imagen 01).

Imagen 01 - Vídeo instrutivo de como *habilitar o som original* no Zoom (2021)



Fonte: Autor.

Algo importante de se observar, em concordância com a filosofia Suzuki, é sempre buscar pelos menores passos. Suzuki entendia que *sucesso gera sucesso*, portanto, é muito importante que o professor dê sempre tarefas ao alcance dos alunos. Por exemplo, no caso acima (Imagen 01), optei por começar demonstrando onde o estudante encontra o ícone do aplicativo (Zoom). Mesmo sendo um passo simples e claro para a maioria das pessoas, meus alunos da terceira idade deixavam de realizar a configuração por faltar esse passo. Vale ressaltar que, na imagem acima, alguns passos intermediários não estão contemplados.

Dentre os diversos formatos, síncronos e assíncronos, com e sem interação, eu optei por utilizar um formato *síncrono com interação* como principal modalidade de ensino, que

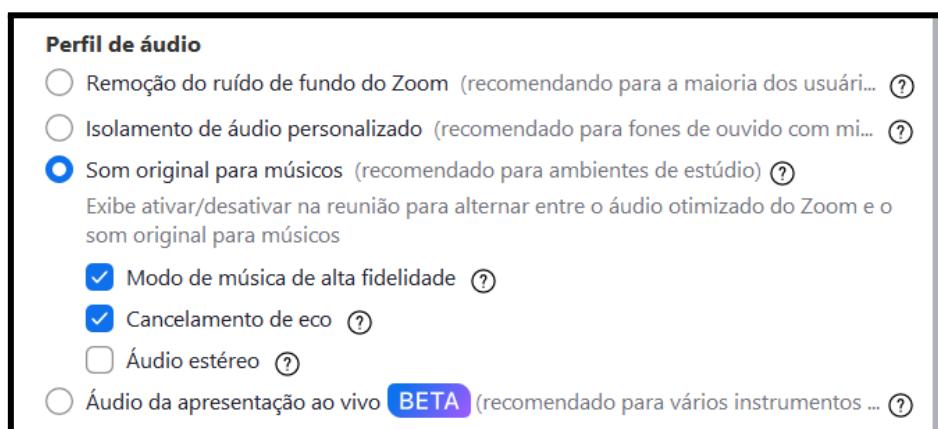
são os softwares de videoconferência. Especialmente pela agilidade de comunicação e pelo retorno auditivo e visual, considero que esse é o formato que melhor acomoda as necessidades propostas para as aulas com método Suzuki de educação musical. Como destaca Gohn (2010):

Tradicionalmente, aulas de instrumento são individuais, com professor e aluno dividindo o mesmo espaço, face a face. [...] Contatos como esse são ideais para o ensino de um instrumento musical, pois possibilitam correções adequadas e muita agilidade no desenvolvimento das atividades. Contudo, muitas vezes há dificuldades para que se compreenda exatamente o que está sendo tocado, dependendo da conexão com a Internet, da captação sonora e do sistema de alto-falantes dos computadores (GOHN, 2011). (GOHN, 2010)

Atualmente existem diversos softwares de vídeo chamada, gratuitos ou pagos, com recursos diversos. Pude experimentar o Skype, Google Meet, Zoom, WhatsApp Vídeo Chamada, Discord, Microsoft Teams e outros. Para escolher o software ideal, levei em conta alguns fatores, como a usabilidade e a acessibilidade do software. É importante, por exemplo, que haja uma versão *mobile* (para dispositivos móveis), uma vez que, como apresentado no primeiro capítulo, o celular é o principal meio de acesso a internet hoje. Também faz diferença que o software seja acessível online via navegador, isso é, que não seja necessário baixar um aplicativo. E, pensando em aulas de música, é importante que recursos como "desativar o cancelamento de ruído" e outras configurações de áudio, estejam disponíveis.

Dentro dessas características, considero o *Zoom* como o melhor software da atualidade para ensino de música via videochamada. Mesmo tendo uma acessibilidade inferior a softwares como Google Meet, que muitas vezes já vem instalados em aparelhos Android, as possibilidades de configuração, como "som original para músicos" (imagem 2), permitem ouvir o estudante com nitidez mesmo utilizando aparelho celular ou computador sem microfone externo.

Imagen 02 - Configurações de áudio no Zoom



Fonte: Autor.

Outros aplicativos, mesmo que compartilhem de igual qualidade de transmissão de áudio e vídeo, geralmente tem configurações complexas que dificultam a acessibilidade por parte dos estudantes. Porém, acho válido insistir em aprender a configurar o software ao invés de utilizar aqueles com qualidade inferior de transmissão de áudio. Isso porque, quando não estão funcionando esses recursos, como *som original*, mesmo sendo possível falar sobre fraseado, respiração, corrigir ritmos e alturas, fica difícil compreender e trabalhar detalhes como: articulação, timbre e afinação.

Minha estratégia, nesse caso mencionado, é trabalhar aquilo que é possível na vídeo chamada e pedir para os alunos gravarem externamente as músicas ou exercícios (usando um gravador ou o próprio celular) e me enviarem o áudio por meios assíncronos, como e-mail ou WhatsApp. Eu também utilizo esse recurso quando não consigo visualizar, por algum motivo (dificuldade de conexão, baixa qualidade do aparelho, posicionamento ruim) adequadamente o estudante, peço para gravar um vídeo tocando e me enviar. É sobre isso que me refiro no primeiro capítulo, quando escrevo sobre utilizar vários formatos de aula para complementar o aprendizado. Outro benefício do *Zoom* é que o aplicativo permite configurações mais complexas e, com auxílio de equipamentos externos, como microfone e webcam, é possível fazer uma transmissão em alta qualidade sonora e visual. Nesse sentido, mesmo que o estudante não tenha tantos aparelhos tecnológicos, o professor pode dar sempre o melhor exemplo, o que vai de acordo, novamente, com umas das preocupações da filosofia Suzuki: o exemplo.

Vou destacar, então, alguns equipamentos e preocupações que, com base na minha experiência, me parecem válidas para o professor que ensina via videochamada:

Possuir um **microfone externo**. A qualidade do áudio em uma aula de música é um fator primordial. Alguns aparelhos já vem com um bom microfone de fábrica ou vêm com fones de ouvido com microfone, que também tem uma boa qualidade de captação. Porém, a maioria desses microfones são projetados para captação da voz, não de instrumentos. Nesse sentido, é comum que o som do instrumento fique “estourado” e não seja captado com qualidade. Ao utilizar um microfone externo, muitas dessas questões são facilmente resolvidas, já que pode-se mudar o posicionamento do aparelho e, muitas vezes, ajustar o ganho. Atualmente existem microfones de qualidade, fáceis de usar (*plug-and-play*) e com baixo custo. Eu tenho utilizado o microfone *Blue Snowball iCE*, um caso de custo-benefício.

Possuir **bons alto-falantes** ou **fones de ouvido**. Assim como é importante transmitir o áudio com qualidade, é importante recebê-lo de forma clara. Eu costumo usar alto-falantes, principalmente pelo conforto acústico, mas, às vezes, acontece de ter interferência na

transmissão, mesmo com cancelamento de eco ativo. Nesses casos, mudo para fones de ouvido. Também utilizo fones de ouvido quando quero escutar detalhes. No caso da flauta doce, fica mais fácil distinguir quais articulações o aluno está utilizando, ou mesmo, quais vogais ele está utilizando junto com estas articulações. Vogais como “U”, por exemplo, exigem da língua um movimento maior, que muitas vezes gera um ruído junto com a articulação (um barulho de língua), que fica perceptível usando fones de ouvido.

Possuir uma **boa webcam**. A qualidade da imagem, por outro lado, dentro da minha experiência, depende mais da iluminação e da conexão com a internet, do que da qualidade da câmera. No geral, os aparelhos novos já vem com excelentes câmeras, porém, uma câmera externa é muito útil para transmitir a imagem em diferentes ângulos. No caso específico da flauta doce, pode ajudar, por exemplo, a visualizar o movimento do polegar esquerdo. É possível adquirir webcams externas de qualidade, fáceis de usar e com baixo custo.

A questão da iluminação, que destaquei no parágrafo anterior, é muito relevante. Sempre que possível, procuro dar aulas em um ambiente com boa iluminação externa, por exemplo: de frente para uma janela (nunca de costas). Porém, para as aulas que dou à noite ou no final de tarde, acho válido o auxílio de uma iluminação auxiliar, como uma *ring light*, um tipo de iluminador que ficou bastante popular e que é bastante acessível na atualidade.

A questão da conexão também é muito importante. São dois fatores: velocidade e estabilidade. Na minha experiência, uma internet estável com pouca velocidade é melhor do que uma internet instável com muita velocidade. Morando no interior, o máximo de conexão que conseguia, por alguns anos, era 2 MB/s. Porém, utilizando internet via cabo, conseguia fazer e dar aulas com certa tranquilidade. Depois que mudei para São Paulo, onde o mínimo de velocidade que eu podia contratar era 100 MB/s, percebi que as aulas que eu dava utilizando wi-fi eram mais instáveis do que as anteriores. Nesse sentido, o ideal é ter uma boa velocidade - no caso do uso do Zoom, acredito que pelo menos 10 MB/s - e, principalmente, uma conexão estável via cabo, no caso de uso de um computador de mesa ou notebook.

Por fim, acho importante possuir um **bom aparelho** para fazer as aulas. Também são dois fatores: tipo de aparelho e a qualidade do aparelho. Acho importante, para o professor, que a aula seja feita por um computador de mesa ou notebook. Esses aparelhos permitem configurações mais elaboradas e aumentam as possibilidades pedagógicas com uso de outros softwares simultaneamente à videochamada. A qualidade do aparelho, nesse caso, também influencia nestas possibilidades. Com um bom processador é possível transmitir a imagem passando anteriormente por um software, como OBS Studio, onde podem se acrescentar

camadas de imagens e vídeos, que possibilitam diversas atividades pedagógicas, como vou apresentar no tópico 3.4.

No caso dos estudantes, a qualidade do aparelho pode ser mínima desde que a qualidade da conexão seja boa, uma vez que, durante a aula, ele estará utilizando apenas o software da videochamada. Fazer aulas pelo celular, como foi demonstrado no primeiro capítulo, é uma opção acessível e prática. O tamanho da tela, porém, é um fator que interfere na recepção da imagem, especialmente no caso das aulas em grupo. Eu sempre recomendo que os estudantes utilizem um computador de mesa ou notebook¹⁴.

No caso de utilizar outros softwares ou fazer compartilhamento de tela durante a chamada, acho muito válido que o professor tenha um segundo monitor para auxiliar na aula, especialmente para softwares como Google Meet. No *Zoom* é um pouco diferente porque, ao compartilhar a própria tela, ele automaticamente minimiza a imagem e mostra as ferramentas, de forma que você consegue trabalhar na tela compartilhada enquanto visualiza o estudante, como no exemplo abaixo (Imagen 03). Ainda assim, ao utilizar softwares como OBS Studio, é melhor ter uma segunda tela.

Imagen 03 - Compartilhamento de tela no Zoom



Fonte: Autor.

¹⁴ Também é possível fazer aulas pela televisão, geralmente transmitindo a imagem a partir de um computador.

3.2 Criando o ambiente

Como apresentado no capítulo anterior, cultivar o ambiente é uma tarefa central no ensino através do método Suzuki de educação musical. Quando pensamos no ensino presencial, é fácil materializar esse espaço de aprendizagem, já no ensino online, é necessário fazer um acordo para construção deste ambiente em ambos os lados da tela. Sendo o ambiente, na maioria dos casos, a própria casa do estudante, precisamos adotar algumas estratégias para atuar dentro dele. Uma delas, e talvez a principal, seja trabalhar junto com os pais, um dos fundamentos da metodologia de Shinichi Suzuki. Os pais são nossos maiores aliados na construção de um *ambiente superior*, eles são como professores em casa. No ensino online, dentro da minha experiência, os pais também são o “terceiro olho” do professor, ajudando na realização das atividades propostas e observando se, aquilo que foi pedido, é realizado adequadamente.

O ideal na função dos pais é participar passivamente na aula - observando e anotando as orientações propostas - e ativamente na prática ao longo da semana - ajudando e revisando as orientações com a criança. No ensino online, porém, considero importante que os pais também participem como uma extensão do professor na aula, corrigindo, por exemplo, questões de postura que fogem do campo de visão do professor, ou mesmo, repetindo a informação que não foi, por algum motivo (por vezes, tecnológicos), compreendida.

Nem sempre, porém, os pais conseguem estar presentes fisicamente na aula dos filhos. Em conjunto, criamos diversas estratégias, muitas delas envolvendo tecnologia, para que os pais acompanhassem as orientações sem estar nas aulas. No caso das aulas via videochamada, alguns pais acompanhavam as aulas à distância, por exemplo, em situações de viagens. Outra estratégia era acompanhar auditivamente a aula com uso de fones de ouvido bluetooth ou um segundo aparelho, de forma a estarem sempre atentos quando o professor precisava de algo, era o caso de pais que precisam dividir o tempo com outras funções e compromissos. Uma terceira estratégia, ao meu ver, um benefício das aulas online via videochamada, é a possibilidade de gravar as aulas e compartilhar com os pais (e alunos) para assistir posteriormente. Por vezes, ao invés de gravar a aula inteira, eu gravo apenas o final da aula, fazendo uma recapitulação das atividades e das tarefas atribuídas. Outra estratégia é gravar essas orientações em formato de áudio, via WhatsApp, o que facilita o compartilhamento e acesso dessas informações.

Na minha experiência, é mais efetivo para o aprendizado que os pais estejam presentes e ativos na prática diária ao longo da semana, mesmo não participando das aulas, ao invés de, participarem das aulas, mas não ajudarem na construção da rotina de prática. Por outro lado,

as crianças que têm pais presentes na aula e na prática ao longo da semana, não só desenvolvem mais rapidamente, como constroem uma memória afetiva pelas aulas, pelo instrumento e pelos pais, uma vez que, em muitos casos, é o único momento de interação que o filho compartilha com os pais ao longo do dia.

Outra estratégia para tornar o ambiente da casa mais musical é: assistir e, principalmente, ouvir boas referências musicais. Suzuki fala da importância de ouvir grandes músicos e, por esse motivo, temos gravações de alta qualidade (sonora, técnica e musical) de todas as músicas trabalhadas no método. Esse fator é um grande bônus para realizar as aulas online com método Suzuki, uma vez que, o aluno pode ter em casa uma referência sonora de alta qualidade, mesmo que as condições tecnológicas da aula restrinjam essa possibilidade.

As gravações de flauta doce foram realizadas por uma célebre flautista, Marion Verbruggen, acompanhada de cravo e viola da gamba, uma instrumentação tipicamente barroca, uma vez que, a maior parte do repertório trabalhado é relativo a esse período. Recentemente, entre 2020 e 2022, foram realizadas gravações em formato de acompanhamento (play-along) para fins de estudo. Essa foi uma proposta dos *teacher trainers* (professores capacitadores) Suzuki de flauta doce e contou com a arrecadação de fundos de professores Suzuki do mundo todo. As gravações foram realizadas com cravo, firmando a preocupação com a instrumentação e sonoridade das músicas trabalhadas, e de uma forma muito musical.

Algumas restrições em relação a prática real, como variação de tempo e afinação, podem ser solucionadas com o uso de aplicativos, como *Music Speed Changer*, que possibilita mudar o andamento e a tonalidade, tanto em ajustes grandes (mais de 1 semitom), quanto em ajustes finos ($\frac{1}{4}$ de semitom). Com isso, o professor que ensina online pode trabalhar várias questões relativas à prática de música de câmara, mesmo que não em todos os sentidos. Para ter uma experiência real de música de câmara, acho importante que o professor incentive seus alunos a participarem de eventos de música e a tocarem com outras pessoas. Na comunidade Suzuki acontecem eventos internos que acolhem, desde os estudantes mais iniciantes, até os mais avançados. Por construir um repertório comum (tanto entre o mesmo instrumento, quanto entre diferentes instrumentos), é um ambiente muito amigável e receptivo para esses estudantes. No caso da flauta doce, posso destacar a *Maratona Suzuki de Flauta Doce* em São Paulo e Londrina e o *Retiro Suzuki* em Brasília, como exemplos (Imagem 04).

Imagen 04 - Meu aluno online, Lucas Tomazini, na Maratona Suzuki de Flauta Doce de São Paulo (2022)



Fonte: Centro Suzuki de Educação Musical - Sissy Eiko.

Outro aspecto importante na construção de um ambiente adequado para as aulas, é delimitar o espaço onde serão feitas as mesmas. Questões como: privacidade, ausência de barulhos externos, conforto térmico e físico, espaço para se movimentar, tamanho da tela, qualidade dos alto-falantes, iluminação adequada, etc., são fatores que influenciam a concentração e, consequentemente, o aproveitamento da aula. Se o objetivo é a excelência, como afirma Suzuki, vale a pena construir esse ambiente ideal.

Também é necessária, no estudo musical, a construção de uma rotina de prática, que pode ser facilitada pelo uso de tecnologias como agenda online, notificações no celular, ou mesmo, despertador. Quando, por vezes, meus alunos não estavam praticando por falta de estímulo, ou mesmo, por não lembrar, eu utilizava a estratégia de enviar mensagens diárias com vídeos, áudios, textos ou imagens, de forma a estimulá-los a querer tocar e a lembrar-los, com o meu exemplo, da importância de praticar todos os dias. A comunidade de alunos também ajuda para esse fim. Uma estratégia é pedir para os alunos enviarem, no grupo do WhatsApp da turma, vídeos ou áudios tocando as músicas trabalhadas na última aula, ou mesmo, fazendo revisão. Assim, os vídeos chegam em dias diferentes da semana e o exemplo

do colega estimula cada um a estudar. Além disso, com a gravação e exposição, vamos aos poucos trabalhando a habilidade de tocar para um público.

3.3 Recitais online

A experiência de tocar para um público é fundamental na atividade musical, e como toda habilidade, requer treino. Nas aulas presenciais com método Suzuki é comum que, além dos pais, tenham sempre outras pessoas assistindo às aulas, assim, a criança se acostuma a tocar com público. Nas aulas online também tenho adotado o hábito de deixar a aula aberta para outras pessoas assistirem, mas nesse caso, a presença virtual nem sempre intimida tanto quanto a presença real, uma vez que, tanto a pessoa que está assistindo pode fechar a câmera ou o próprio aluno pode destacar a imagem do professor e ignorar a do convidado.

Tenho adotado outras estratégias para desenvolver a habilidade de tocar em público. Além da própria experiência, por exemplo, de incentivar os alunos a tocarem para os familiares e amigos, muitas vezes o treino começa convidando a criança para tocar para um animal de estimação ou para os brinquedos, simulando mentalmente a tensão de tocar para o público e preparando para esse momento.

Outro formato de apresentação pública, que tenho feito bastante com meus alunos, são os recitais online, que podem ser tanto transmissões ao vivo, quanto gravações. Os formatos têm efeitos diferentes, uma vez que, nas gravações, pode-se gravar de novo e corrigir algo, já nas transmissões, assim como em apresentações reais, temos apenas uma chance. No primeiro caso, focamos, por exemplo, na qualidade, e no segundo, no autocontrole em situações de exposição. Para os recitais em grupo, como muitas vezes os alunos moram em lugares muito distantes um dos outros, geralmente faço recitais gravados. O processo de gravação e montagem pode ser feito de diversas maneiras, vou destacar algumas que utilizei:

No caso de recitais de solista, pode ser: um recital solo sem acompanhamento; um recital solo com acompanhamento real ao vivo; um recital solo com acompanhamento gravado (play-along); um recital solo com adição posterior de um acompanhamento real; Ou um recital solo com adição posterior de um acompanhamento gravado.

Destaquei essas diferenças porque pude experimentar todas e cada uma tem um efeito e propósito diferente. Tocar com um acompanhamento gravado é um grande desafio, uma vez que, não se tem liberdade e flexibilidade. Como disse uma criança em uma das aulas: “parece que eu estou acompanhando o acompanhamento”. Por outro lado, se tem estabilidade, isso é, você pode treinar sempre com o mesmo acompanhamento e ele será sempre igual. Quando os estudantes vêm de uma experiência anterior ao método Suzuki, geralmente essa habilidade, de

tocar “quadrado”, já está consolidada e é fácil tocar com um acompanhamento gravado. No caso dos alunos que começam com método Suzuki, sem partituras, de ouvido e de memória, é um tanto frustrante e anti-natural tocar com essa inflexibilidade da gravação. Nesses casos, prefiro ou fazer um acompanhamento real ao vivo, onde o acompanhador de fato “acompanha” o aluno, ou pedir para o aluno gravar livremente e, posteriormente, eu gravo um acompanhamento sobreposto a esta gravação.

São situações diferentes. Na primeira, o aluno vai interagir com o acompanhador e vai moldar o seu som para se ajustar a ele; na segunda, apenas o acompanhador fará esses ajustes. Portanto, essa escolha depende das condições e da habilidade que se deseja trabalhar. Se não há alguém que possa acompanhar o estudante e ele ainda não consegue tocar bem com um acompanhamento gravado, prefiro fazer um solo sem acompanhamento, ou ainda, um solo com acompanhamento real gravado posteriormente, como na imagem abaixo (Imagen 05), afinal, se o resultado for legal e bonito, o aluno vai se motivar a querer gravar mais vezes. Vale destacar também que, a adição posterior de um acompanhamento, seja real ou gravado, gera novas possibilidades de edição do áudio e correções de equilíbrio na gravação.

Imagen 05 - 1º Recital Virtual (2020)



Fonte: Autor.¹⁵

¹⁵ Disponível no YouTube: https://youtu.be/oIRE818_76E?si=4AKEXN_4i4GUmrZH

Nos recitais em grupo, por outro lado, só é possível uma liberdade rítmica nos *recitais presenciais gravados* ou em propostas onde a sincronização do ritmo não é importante. Esse primeiro caso, mesmo que não pareça relacionado ao ensino online, também é. O objetivo do ensino online não é se restringir a esse meio, mas usá-lo como uma ferramenta para o aprendizado. Em 2021 fiz a montagem de uma série online denominada “Renascimento”, onde a maior parte dos ensaios foi realizada online, mas a gravação foi realizada presencialmente (Imagen 06), um exemplo desse caso.

Imagen 06 - Série Renascimento - Episódio 2: Chansons (2021)



Fonte: Autor.¹⁶

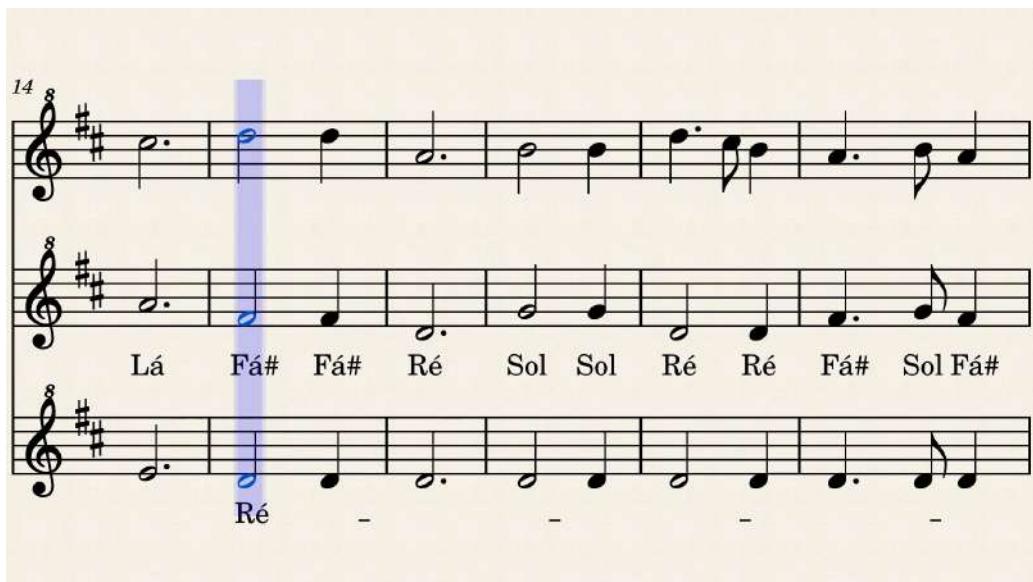
No caso de gravações online, também posso destacar algumas maneiras de se gravar: com metrônomo; com uma base MIDI; com uma base real; e/ou com regência. Pude experimentar todos esses formatos e cheguei a diferentes conclusões.

A gravação com metrônomo é uma das estratégias menos musicais, por outro lado, é simples e funcional. O maior problema desse formato, ao meu ver, é a falta de referências, especialmente com relação a afinação, o que compromete o resultado musical. É diferente do caso de uma gravação gerada por uma interface, uma gravação MIDI, porque temos a referências das alturas junto com a estabilidade rítmica, o que resolve a questão da afinação. Esse segundo formato é um pouco mais trabalhoso, é necessário transcrever a partitura e fazer

¹⁶ Disponível no YouTube: https://youtu.be/g0kgvitmpPQ?si=lBA3Pp2_IHjXh-OG

ajustes no software, mas o resultado é sempre melhor do que com metrônomo. Tem um bônus porque, em muitos softwares, como *Musescore*, é possível gerar um vídeo com áudio e partitura, que pode servir de guia e auxiliar, inclusive, na leitura, já que tem um cursor que acompanha o decorrer da partitura (Imagen 07).

Imagen 07 - Vídeo-guia para música Noite Feliz (2021)



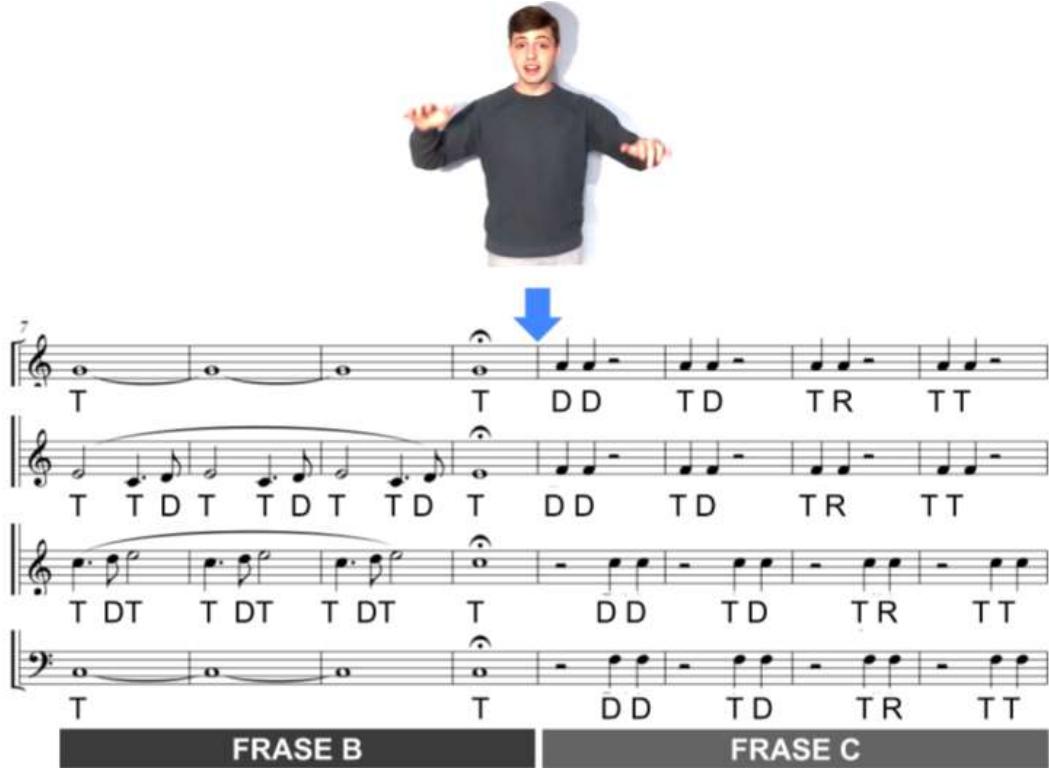
Fonte: Autor.¹⁷

As guias com uma base real gravada são as mais musicais, porque além de ter a referência do ritmo e da altura, também temos a referência das respirações, articulações e da sonoridade buscada. Porém, o ideal de musicalidade, para mim, é fazer guias gravadas com regência. Tive essa experiência no curso de Regência Coral da USP e estendi para as minhas turmas. No caso específico da flauta doce, procurei fazer guias com regência e partitura (Imagen 08), incluindo informações como articulações, respirações e fraseado, assuntos trabalhados nas aulas.

Em todos esses casos, é necessário que os alunos gravem o áudio, ou vídeo, com um aparelho (câmera ou celular) enquanto ouvem, ou vêem, as guias em outro aparelho (celular ou computador) com uso de fones de ouvido, para que o áudio da guia não esteja presente na gravação do aluno. Para ter uma boa qualidade no resultado final, também peço para os estudantes me enviarem seus arquivos via *Drive* ou sites, como *WeTransfer*, que não comprimem ou comprometem a qualidade do vídeo enviado. No caso do áudio, sempre que possível, peço para os estudantes utilizarem gravadores externos.

¹⁷ Resultado final disponível no YouTube: https://youtu.be/oPvrHyt7Jks?si=4XorAFdO5_JvxD_j

Imagen 08 - Vídeo-guia da música El Grillo com regência (2021)



A young man in a dark shirt is singing and conducting. A blue arrow points to a musical score. The score consists of four staves of music with various notes and rests. The bottom two staves are highlighted with a dark bar and labeled 'FRASE B' and 'FRASE C'.

FRASE B

FRASE C

Fonte: Autor.

Outra questão importante de gravação é que, nem todo ambiente ideal para gravar os vídeos é ideal para gravar os áudios. Por esse motivo, principalmente nas montagens de vídeos coletivos, peço para os alunos gravarem separadamente o áudio, tomando cuidado com barulhos e com a qualidade da gravação, e depois o vídeo, sem precisar se preocupar com barulhos externos, uma vez que, utilizarei aquele áudio gravado separadamente. Isso soluciona vários problemas, às vezes o aluno está preparado para tocar, mas a iluminação não está boa, ou a iluminação está boa e surgem, naquela hora, barulhos externos. Essas orientações estão resumidas no guia de gravação que eu envio para os alunos, que está em anexo neste trabalho (Anexo I).

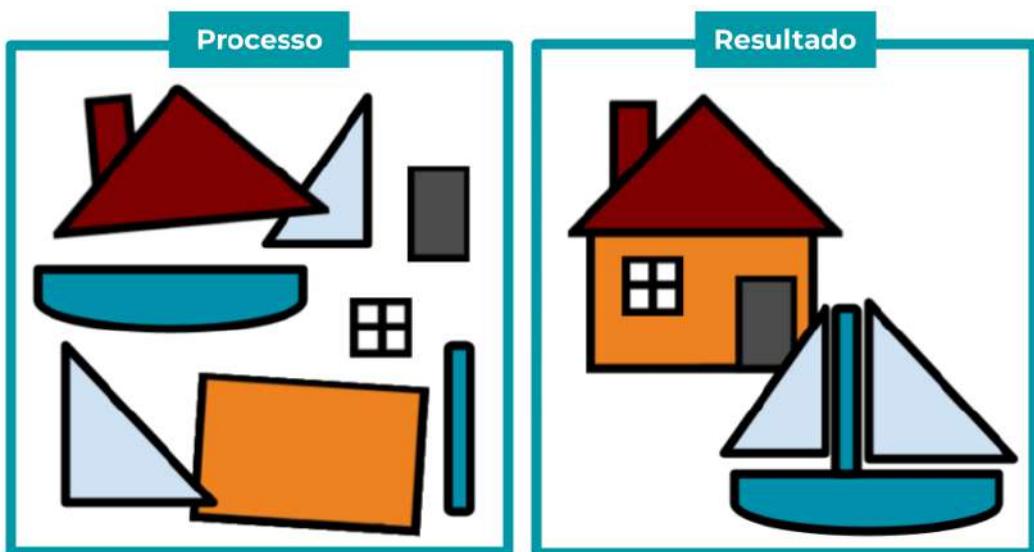
3.4 Repetição e brincadeiras

Outro assunto recorrente na metodologia Suzuki, como destaquei no segundo capítulo, é a importância da repetição e da diversão no processo de aprendizagem. Dentro do ambiente online podemos desenvolver diversos recursos pedagógicos, desde aqueles inspirados em recursos presenciais, quanto recursos novos. No geral, gosto de fazer jogos a partir da sobreposição de imagens na tela, utilizando, por exemplo, o software OBS Studio, que tem

uma infinidade de recursos. Dentro do imaginário da criança pequena, as imagens que surgem na tela são uma reação do computador, não do professor. Esse fator transforma uma simples atividade, como um quebra-cabeça, em um jogo super interessante. Vou exemplificar a seguir:

No geral, eu utilizo os jogos com a finalidade de *repetir* uma habilidade de uma forma divertida e consolidar a mesma. Alguns são baseados em jogos reais, como quebra-cabeça¹⁸. Esses quebra-cabeças podem estar relacionados aos temas das músicas, por exemplo, a música Meu Barquinho (música 25 do livro 01), ilustrada abaixo (Imagen 09). Ou ainda, utilizo quebra-cabeças para trabalhar a compreensão de outros assuntos, como as partes da flauta: cabeça, corpo e pé (Imagen 10).

Imagen 09 - Quebra-cabeça do barco e da casa.



Fonte: Autor.

Imagen 10 - Partes da flauta

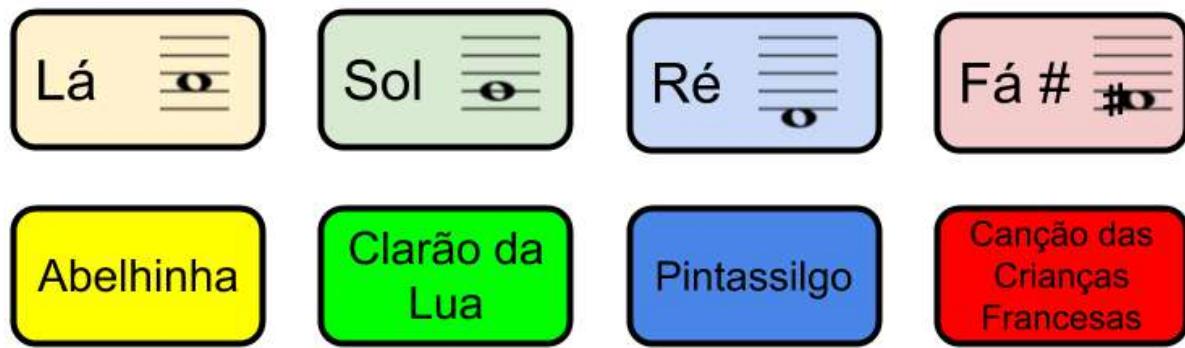


Fonte: Autor.

¹⁸ Exemplo de execução: Cada vez que o estudante repete o trecho, ou a música, surge uma peça nova na tela. O objetivo é organizá-las e descobrir que imagem elas vão formar.

Outro exemplo de *jogo real transposto para o ambiente virtual* é esse jogo da memória que fiz relacionando a música com a nota que começa (Imagen 11). Lembrar a nota que começa é uma dificuldade comum nos alunos do método Suzuki, já que o aprendizado começa de memória, sem partitura, e depois as músicas são relacionadas com a escrita (método da língua-mãe: primeiro aprendemos a falar, depois a ler). Mesmo o aluno não lendo ainda, ao ver o pentagrama e relacionar com a nota, ele está aprendendo com o ambiente.

Imagen 11 - Jogo da memória para o livro 01 - Pré-estrelinha



Fonte: Autor.

Um terceiro exemplo são os jogos como esconde-esconde ou jogos com mistério. Um exemplo que cativa muito, especialmente as crianças, é começar a aula com objetos escondidos na tela, sobrepostos por tarjas ou interrogações (Imagen 12). Além de cativar o interesse da criança, também mantém a atenção durante a aula toda, porque, dependendo da regra do jogo, eu vou revelando os objetos aos poucos. Os objetos podem estar relacionados com a música, como símbolos musicais, com curiosidades do meio, como flautas e flautistas, ou ainda, quando tenho o propósito de trabalhar ou revisar músicas específicas, eu uso imagens relacionadas a essas músicas.

Vale destacar, também, os jogos de repetição com reforço positivo. Desde as primeiras aulas sempre busco conhecer os alunos e entender as coisas que eles gostam, que fazem eles darem risadas e que estão presentes no seu ambiente. Aproveito essas informações para preparar jogos específicos para cada aluno, onde cada repetição faz surgir uma imagem que faz rir ou algo que eles gostem, como personagens de desenho, unicórnios, dinossauros, ilusões de ótica, etc. Especialmente nas aulas das crianças, tenho sempre essas imagens como “cartas na manga”, para usar quando o foco na aula diminui.

Imagen 12 - Exemplo de jogo de revisão com mistério (04/11/2020)



Fonte: Autor.

Também faço alguns jogos planejados para os pais participarem. É muito importante, especialmente no método Suzuki, reconhecer a importância dos pais. Um exemplo de jogo consistia na seguinte regra: cada vez que a mãe ajudasse o filho para tocar melhor ou lembrasse de algo importante (especialmente sobre a postura), ele ganhava um ponto. Cada vez que o filho, por sua conta, fizesse isso sozinho, a mãe ganhava um ponto. E, se nenhum dos dois fizessem, o professor ganhava um ponto (Imagen 13).

Dentro do método Suzuki, não incentivamos os alunos a competirem entre si, muito menos com os pais. Esse jogo era uma maneira de mostrar para o filho que, quando a mãe interfere ou ajuda na aula, é ele quem está ganhando. E para mãe, demonstrar que, quando o filho faz sozinho, é sinal que a prática em casa foi bem sucedida, e isso é mérito dela. Os pontos do professor, nesse caso, são uma forma de convidar ambos a se concentrarem e cooperarem em relação a um terceiro. Como é o próprio professor que propõe as músicas e os desafios, também fica mais fácil ter controle sobre a brincadeira.

O que é mais importante no reforço positivo, além de repetir e estudar, é construir uma memória afetiva positiva com a aula. Suzuki falava sobre o quanto esse sentimento positivo gerava motivação para estudar, sucesso alimenta o sucesso. Esse jogo também está ligado

com o fator do caráter, que o autor enfatiza no livro. Ensinar um instrumento musical é uma oportunidade para trabalhar valores éticos e morais, como respeito (pelos pais, pelo professor, pelo instrumento, por si próprio), proatividade (agir pelo outro) e cooperação (agir com o outro). Tudo isso pode ser trabalhado de uma forma divertida.

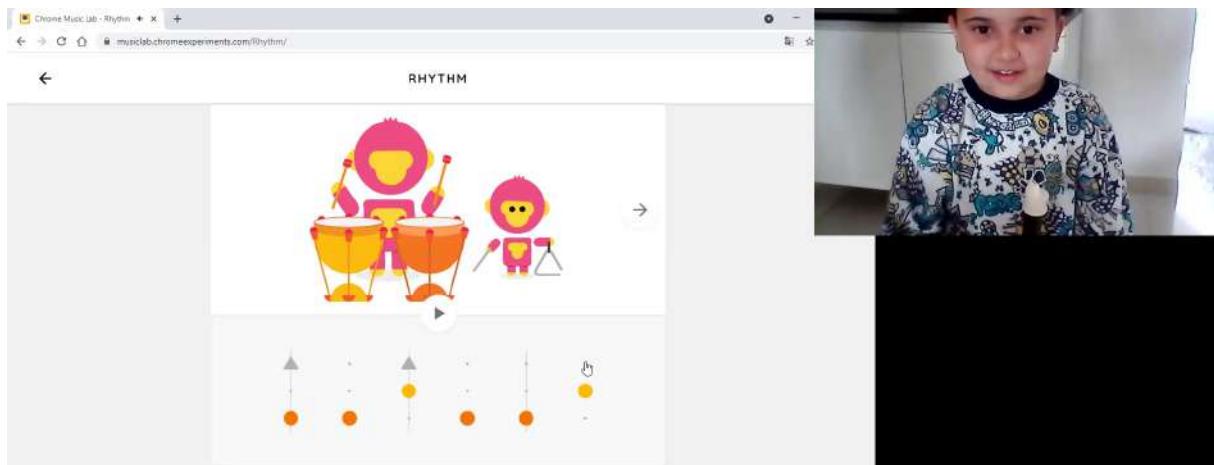
Imagen 13 - Exemplo de participação dos pais, cooperação e reforço positivo (09/12/2020).



Fonte: Autor.

Existem alguns recursos próprios dos aplicativos de videoconferência que podem ser transformados em jogos e brincadeiras. No *Zoom*, eu gosto de usar as enquetes, especialmente nas aulas em grupo e em aulas com assuntos mais teóricos. É uma maneira de manter a atenção do estudante e fixar os assuntos trabalhados. Também é possível usar os filtros e planos de fundo do aplicativo para criar jogos ou, simplesmente, transformar o ambiente. Por exemplo, posso usar como plano de fundo imagens de vários flautistas com bons exemplos de postura. O próprio compartilhamento de tela gera muitas possibilidades. Atualmente o *Zoom* permite que o participante desenhe na tela compartilhada, ou ainda, tenha controle sob o *cursor* do professor. Assim, posso abrir um editor de partituras, ou mesmo, um site, como *Chrome Music Lab*, e fazer uma criação musical conjunta com o aluno (Imagen 14).

Imagen 14 - Criando um padrão rítmico com Chrome Music Lab (23/08/2021)



Fonte: Autor.

3.5 Aulas individuais e em grupo com diferentes públicos

Como descrito no segundo capítulo deste trabalho, o foco de Shinichi Suzuki era o ensino de crianças pequenas. O método Suzuki, portanto, é um método pensado para esse público. Porém, assim como destaca o autor, essa filosofia de ensino-aprendizagem é válida para toda uma vida. O método da língua-mãe representa mais que a pedagogia de Suzuki, mas seu modo de compreender e viver a vida.

Ensinar flauta doce para adolescentes, adultos e idosos utilizando o método Suzuki, é completamente possível e válido. Logicamente, tudo que eu apresentei relativo ao papel dos pais no processo de aprendizagem, fica a cargo do próprio estudante, o que gera certas dificuldades. Na minha experiência, especialmente no público adulto e idoso, os estudantes são pouco flexíveis e esperam que o momento da aula, sozinho, seja suficiente para construção da sua habilidade. Quando trabalho com esse público, desde a primeira aula falo sobre a importância de construir uma rotina de prática e de criar um ambiente musical, principalmente ouvindo diariamente as gravações. Quando o estudante comprehende e está disposto a trabalhar nesse sentido, seu desenvolvimento é tal qual o da criança.

Há muitas questões da vida e do cotidiano para se considerar e que influenciam diretamente nas aulas. Eu insisto para que esses alunos desenvolvam a percepção musical, aprendam músicas de ouvido e pratiquem de memória, como faço com as crianças. No caso dos alunos que não aprenderam a ler música, começo a ensiná-los muito antes das crianças, porque é algo que motiva e os incentiva a praticar. Com os alunos adultos que já leem música, estudar sem partitura é um enorme desafio, não só musical, mas principalmente, emocional. Trabalhamos, então, a autoconfiança, o uso da intuição, controle da ansiedade e do

nervosismo, a memória, etc. Não tenho clareza do tamanho do impacto dessa abordagem na vida de cada aluno adulto e idoso, mas a assiduidade e o compromisso deles demonstram que as aulas são importantes e que é possível mudar hábitos, mesmo na maturidade.

Com isso, pude experimentar três diferentes tipos de aula: apenas aulas individuais; apenas aulas em grupo; aulas individuais e em grupo.

Para Suzuki, como foi apresentado, o ideal é ter aulas individuais e em grupo semanalmente. No entanto, nem sempre é possível fazer aulas assim. No ambiente público, por exemplo, fui restringido de dar aulas individuais, o que foi um enorme desafio. Como estamos sempre preocupados com a excelência e o respeito ao tempo de cada um, nas aulas em grupo eu me guiava pelo aluno com maior dificuldade. O tempo de desenvolvimento do grupo, portanto, dependia desse aluno, o que, de certa forma, era um pouco frustrante para os colegas e demandava muito trabalho do professor para compensar essa diferença nas atividades.

Dentro do ambiente privado pude atender, posteriormente, a mesma turma, mas tendo aulas em grupo e individuais. Foi ideal, porque além de terem o encontro coletivo, que é uma das coisas mais especiais para esse público da terceira idade, eu podia focar nas dificuldades de cada um nas aulas individuais. As aulas em grupo, neste caso, eram um momento de prática (revisão), diversão e confraternização das habilidades construídas ao longo da semana.

Também aconteceu o caso de um aluno que não tinha colegas para fazer aula em grupo, tanto porque ele começou antes, quanto porque, quando surgiram outras pessoas no mesmo perfil, ele já estava muito avançado em repertório. Nesse caso, fazíamos apenas aulas individuais, o que eu acho válido e viável. Por outro lado, sempre incentivava esses alunos, que não fazem aulas em grupo, a participarem de eventos de música e flauta doce. Esse momento coletivo é muito importante, tanto para música de câmara, como abordei no segundo tópico deste capítulo, quanto pelo papel socioeducativo da música.

Também pude experimentar diferentes durações de aula online. O tempo de atenção é muito relativo, mas percebi que, para os alunos que fazem aulas em grupo, 30 min de aula individual é tempo suficiente. Para os alunos que só fazem aulas individuais, 45 minutos é um tempo mais justo para poder repetir cada habilidade em aula. Muitas vezes combinamos aulas de uma hora e eu utilizo os 15 minutos iniciais para conversar, tirar dúvidas e fazer esse momento de partilha de experiências, que aconteceria na aula em grupo.

Com as crianças pequenas é um pouco diferente. O tempo de atenção delas é muito relativo a como elas estão se sentindo e o quanto interessante é a aula. Esse segundo fator é uma tarefa do professor, descobrir o que é interessante para criança e trazer atividades que

motivam ela. O primeiro fator, porém, na minha experiência, depende muito dos pais. Geralmente a criança tem dificuldade em lidar com sentimentos como sono e fome, portanto, é papel dos pais prepararem a criança para aula e escolherem um momento do dia que ela esteja com esse tipo de necessidade resolvida. Esse detalhe afeta diretamente o rendimento da criança em aula, por vezes as crianças têm 10 a 20 minutos de atenção e, depois disso, nada funciona. Nesses casos, uso a estratégia do Suzuki de dar aula para os pais e deixar a criança junto no ambiente, aproveito para verificar com eles como está a prática da semana, dar instruções de como praticar e a compartilhar estratégias. Quando não, terminamos a aula antes e eu preparamos uma atividade em outra modalidade no tempo restante.

3.6 Modalidades auxiliares

Como destaquei, é comum e muito válido que o professor utilize outros formatos e ferramentas para complementar o ensino via videochamada. Vou destacar alguns exemplos de recursos que eu utilizo, pensando nos formatos de ensino online apresentados no primeiro capítulo (tópico 1.3):

Dos recursos sem interação e escritos, sempre utilizo artigos do site *flautadocebr*¹⁹ e outros materiais vindos de pesquisas acadêmicas presentes no Google Acadêmico²⁰. Neste primeiro site mencionado, é possível encontrar textos bem escritos e confiáveis tratando desde assuntos básicos, como cuidados com a flauta doce, articulação e afinação, até entrevistas e assuntos do meio profissional do instrumento. Ambas as opções mencionadas são recursos disponíveis em português, gratuitas e online. Ao fazer uma busca em língua inglesa encontramos mais opções de materiais, porém, existe a limitação da compreensão da língua, observada no primeiro capítulo. Gosto muito de utilizar o site *Recorder Home Page*²¹, que além de possuir muito conteúdo sobre flauta doce, está repleto de links e serve como fonte para encontrar outros trabalhos.

Não conheço *podcasts* ou programas de áudio em português relacionados à flauta doce. Vídeo-aulas e tutoriais, por outro lado, são numerosos, especialmente no YouTube. Esses materiais têm abordagens das mais variadas, mas a grande maioria são conteúdos de baixa qualidade, apresentando a flauta doce sem um cuidado técnico e musical. É papel do professor, portanto, fazer uma filtragem desses vídeos.

¹⁹ Disponível em: <https://quintaessentia.com.br/flautadocebr/>

²⁰ Basta procurar pela palavra chave “flauta doce” que aparecem diversos trabalhos de qualidade produzidos nas principais universidades brasileiras.

²¹ Disponível em: <https://www.recorderhomepage.net/>

Dos materiais com uma boa abordagem, posso destacar aqueles gravados para outros meios assíncronos, como televisão, que foram depois disponibilizadas para o ambiente online, como o DVD “Aprenda Flauta Doce Básico”²² da Music ABC, com a professora Renata Pereira. Também destaco os vídeos produzidos por profissionais da flauta doce, como o caso da professora Nathália Domingos²³, da UFRN, e o canal lab.flauta²⁴. Novamente, todos esses exemplos são opções acessíveis online e em português.

Também existe uma infinidade de vídeos de qualidade em inglês no YouTube, mas não só, também em francês, alemão, espanhol e cada vez mais línguas. Dos canais sobre flauta doce em inglês posso destacar o Consort Counsellors²⁵, das professoras Hester Groenleer e María Martínez Ayerza, focado na prática de grupo de flautas doces, e o canal da flautista Sarah Jeffery, o Team Recorder²⁶, que possui centenas de vídeos com entrevistas, exercícios, orientações, etc.

No YouTube também encontramos uma diversidade de exemplos de performances com flauta doce. Novamente, uma quantidade significativa despreza o potencial do instrumento, mas existe uma parcela considerável de bons exemplos profissionais, especialmente se buscamos em outras línguas, como em inglês (recorder) ou alemão (blockflute). Para ajudar os alunos a terem acesso a esse material, faço playlists²⁷ e sempre compartilho esses exemplos.

Outro recurso que utilizei, agora com interação assíncrona, foi o Google Classroom, que permite criar uma sala de aula virtual onde o professor atribui atividades e compartilha materiais. Usei tanto com grupos quanto com alunos individuais, já que é, também, uma forma de formalizar os assuntos trabalhados. Uma estratégia que utilizei neste software foi fazer escutas e práticas semanais (Imagem 15). Todas as aulas começamos conversando sobre a escuta da semana e as informações que o aluno descobriu sobre a peça. Esses diálogos são uma excelente oportunidade para conversar sobre música, técnica e curiosidades da prática do instrumento. Por outro lado, nas práticas da semana, eu buscava reforçar as habilidades trabalhadas em aula utilizando outros exemplos, estilos e contextos musicais.

²² Link para o vídeo “Aprenda Flauta Doce Básico”: <https://www.youtube.com/watch?v=v3Ax7kPDPZE>

²³ Link para o canal “Nathália Domingos”: <https://www.youtube.com/@natdomingos>

²⁴ Link para o canal “lab.flauta”: <https://www.youtube.com/@labflauta>

²⁵ Link para o canal “Consort Counsellors”: <https://www.youtube.com/@ConsortCounsellors>

²⁶ Link para o canal “Team Recorder”: <https://www.youtube.com/@TeamRecorder>

²⁷ Exemplo de playlist: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLLyzSENolDgi8YrNP5dmKBn4-csUchcAQ>

Imagen 15 - Exemplo de uso do Google Classroom (mural, práticas e escutas da semana)

Mural

Lucas Debortoli postou uma nova atividade: Escuta da semana (11)
19 de jun. de 2020

Lucas Debortoli postou uma nova atividade: Escuta da semana (10)
12 de jun. de 2020 (editado: 18 de jun. de 2020)

Lucas Debortoli
5 de jun. de 2020

Aqui está o vídeo do Consort Conseillors, que tem os mesmos exercícios que fizemos em aula! Deixe em anexo outro link, este do canal da Sarah, de uma playlist só sobre respiração e ar. Abraço!

 Episode 17: Breathing ba...
Vídeo do YouTube • 12 minutos

 Breathing and air - YouTu...
<https://www.youtube.com/playl>

Lucas Debortoli postou uma nova atividade: Prática da semana (9)
5 de jun. de 2020

Prática

Prática da semana (7)

Lucas Debortoli • 15 de mai. de 2020 (editado: 21 de mai. de 2020)

1 ponto

Nossa primeira "prática da semana"! Você terá que baixar e ouvir a gravação que está em anexo, que é um trecho da música São Jorge do Hermeto Pascoal, tocado pela Michala Petri (sim, aquela da primeira escuta). Depois de ouvir várias vezes, quero que você experimente tocar de ouvido a melodia! Depois que os dedos estiverem seguros, se atente para as articulações que a Michala usa, e tente imitá-las!

Com dedos e articulações seguras, você vai gravar um vídeo tocando este trecho e vai enviar por aqui! (Se não der para anexar, pode ser um link do Drive ou do YouTube)

Deixo também a gravação completa, caso você tenha curiosidade! O CD se chama Brazilian Landscapes.

Boa escuta e prática!

 São Jorge (CORTADO).mp3
Áudio

 São Jorge (Arr. for Recorder,...
Video do YouTube • 6 minutos

Escuta

Escuta da semana (5)

Lucas Debortoli • 1 de mai. de 2020

100 pontos

Escuta da semana: Ouvir e responder!

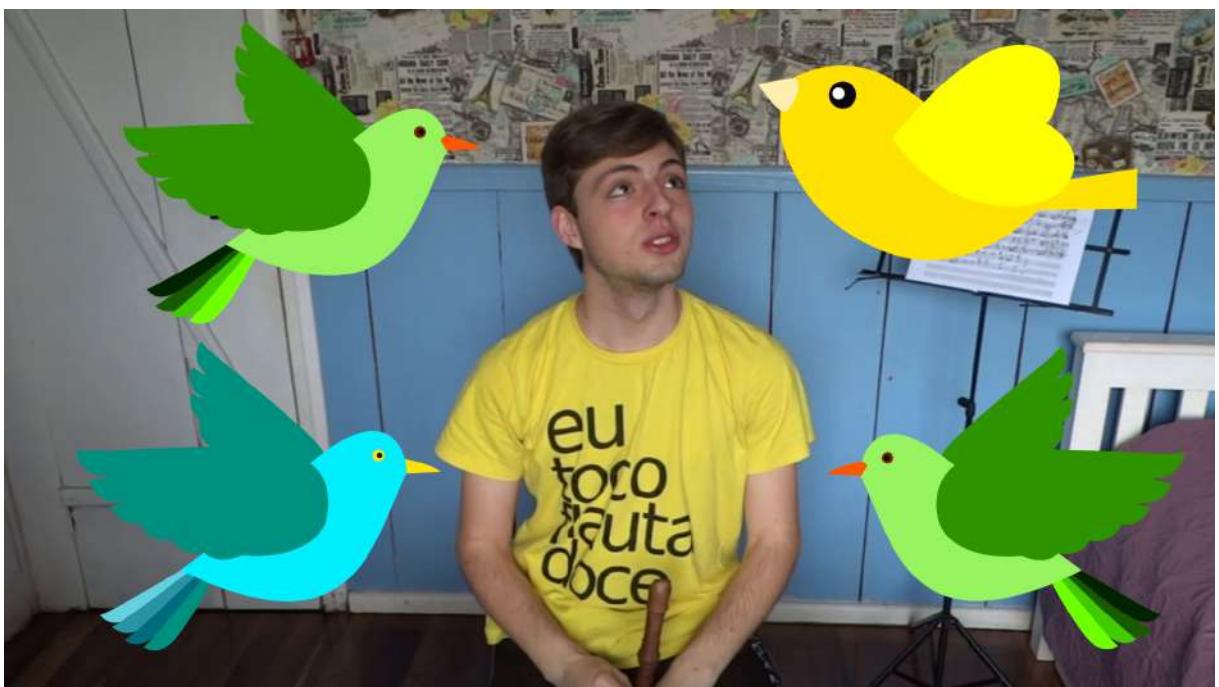
- Essa música faz parte de um conjunto de 10 músicas! Qual o nome desse conjunto e do que tratam essas peças?
- Quem compôs? De que período é?
- Que instrumentos estão usando? São Flautas Doces? Justifique!
- Quem está tocando? Comente algum fato sobre o grupo!

 Aspasia Nasopoulou: Square...
Vídeo do YouTube • 2 minutos

Fonte: Autor.

Outra modalidade de aula assíncrona e sem interação, citada no tópico 3.1, são as aulas gravadas. Por vezes, quando não conseguimos ter um encontro síncrono, busco fazer uma aula gravada com as atividades e orientações que daria naquela aula. Sempre peço um *feedback* gravado pelo aluno, para verificar se ele compreendeu a proposta. No caso das crianças, também montei algumas aulas com brincadeiras, como na imagem abaixo (Imagem 16). Nessa aula, cada vez que o aluno toca nos despedimos de um passarinho. Essa “mágica” da interação com as imagens, que se movimentam no vídeo, é algo que cativa as crianças e torna a prática assíncrona mais divertida.

Imagen 16 - Exemplo de aula assíncrona com brincadeiras (2020)



Fonte: Autor.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível observar a viabilidade de ensinar música online. Possuímos, atualmente, recursos suficientes para fazer do ensino online uma modalidade acessível e usual. Por outro lado, existem algumas condições para construção de um ensino de instrumento musical *planejado* para esse formato, que parte da compreensão da variedade de modalidades possíveis, e perpassa por alguns requisitos para ensinar de forma efetiva neste ambiente. Decidir qual(is) modalidade(s) utilizar, é relativo às condições tecnológicas e objetivos de ensino do professor. A aula via videochamada foi elencada como modalidade de ensino ideal, considerando aspectos como: a possibilidade de visualizar e ouvir o aluno, a agilidade de comunicação e a acessibilidade do meio na atualidade, que foi constatada através de dados do IBGE (2022) apresentados no primeiro capítulo.

Outro passo importante é escolher a metodologia de ensino. Este trabalho utilizou o método Suzuki de educação musical como objeto de estudo. Por se tratar de um método pensado originalmente para o ambiente presencial, foi necessário investigar as bases filosóficas, ideias e, principalmente, objetivos pedagógicos do método, para construir uma forma de ensino coerente no ensino online. Para tal, foram revisados todos os conceitos presentes no livro Educação é Amor (2008), apresentados no segundo capítulo deste trabalho. Foram feitas considerações sobre os seguintes assuntos: formato de aula, ambiente, recitais online, repetições e brincadeiras, tipos de aula, diferentes públicos e modalidades auxiliares ao ensino via videochamada. Vou destacar a seguir algumas conclusões sobre cada assunto.

Dos formatos de aula, foram comparados diferentes softwares de videochamada, dos quais, o *Zoom* foi destacado como mais completo e usual, especialmente pela variedade de configurações de áudio, um fator importante no ensino de música. As dificuldades de uso da tecnologia, como configurações no aplicativo, foram contempladas com estratégias para ajudar o estudante no uso da ferramenta.

O ambiente é uma preocupação central na metodologia de Shinichi Suzuki, destacada no segundo capítulo deste trabalho. Para construir um *ambiente superior* no ensino online, especialmente no caso do ensino para crianças, é fundamental a cooperação entre professor e pais. Se no ensino presencial os pais participam de forma passiva nas aulas, no ensino online os pais devem ter uma presença ativa, agindo como uma extensão física do professor em casa, tanto na observação do estudante, quanto na demonstração do que fazer.

Os recursos que temos no método Suzuki, como gravações de alta qualidade do repertório, tornam possível construir um ambiente musical na casa do estudante mesmo estando a longas distâncias dele. Além disso, com auxílio de softwares de áudio, é possível trabalhar habilidades de música de câmara e preparar o estudante para fazer música ao vivo com outras pessoas. Entende-se o ensino online como um meio de aprendizagem, sem barreiras, mas não um meio exclusivo para se fazer música, pelo contrário, ele é também um meio para trabalhar habilidades que possibilitem fazer música presencialmente.

A performance musical, por outro lado, também pode acontecer online, o que aqui chamamos por *recitais online*. Conseguimos visualizar a variedade de possibilidades de performance online, tanto em recitais ao vivo, quanto em recitais gravados, com especial destaque ao uso de *guias gravadas com regência*, uma experiência de gravação que contempla as diversas exigências da prática real de performance.

Os jogos e a diversão são outro assunto destacado, também central na metodologia Suzuki. A criação de jogos online pode acontecer pela simples adaptação de jogos presenciais, ou ainda, pelo uso de ferramentas específicas do meio digital, como sobreposição de imagens e efeitos visuais. Além de gerar afeto pelo instrumento, Suzuki acreditava que conquistamos a criança pela brincadeira e, com o tempo, a música sozinha traz esse prazer. Nesse processo, temos a chance de trabalhar aspectos do caráter, mesmo não estando na presença física do estudante. Os jogos são uma alternativa para trabalhar aspectos éticos e morais.

Mesmo o método Suzuki sendo pensado para crianças, toda filosofia de ensino-aprendizagem é compatível com públicos de outras faixas etárias, desde jovens até idosos. Porém, as estratégias e contexto de ensino são outros, influenciando a configuração e duração da aula. A duração de aula, além de estar relacionada à faixa etária, também depende dos interesses e da personalidade do estudante. Aulas de crianças são geralmente mais curtas do que adultos, tanto pelo tempo de atenção, quanto pelas necessidades sociais de diálogo. Também foi ressaltada a importância do estudante ter aulas semanais, em grupo e individuais, e as diferenças de cada tipo de aula, cada uma com um efeito distinto.

O uso de modalidades auxiliares ao ensino via videochamadas é completamente válido e, por vezes, necessário. Foi destacado o uso de artigos online, vídeos e, também, a criação de aulas gravadas. Além disso, muitas estratégias de ensino estão relacionadas à modalidades auxiliares, como gravar o final da aula para o estudante revisar durante a semana, ou o uso de aplicativos durante as aulas.

O desenvolvimento da proposta, ensino online com método Suzuki, contou com relatos e observações coletadas ao longo de oito anos de experiências na temática. Além de

diversas reflexões, este trabalho possui um apanhado de exemplos e estratégias, com ênfase em práticas de ensino de flauta doce, que servem como referência para professores interessados no assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUONO, Renata; TAVARES, Pedro. A era dos brasileiros hiperconectados. **Folha de São Paulo**, 01 maio 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/era-dos-brasileiros-hiperconectados/>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- DEBORTOLI, Lucas G. . Educação na infância: um diálogo entre a obra de Pestalozzi e Suzuki. **Música em Foco**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 10–19, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/musicaemfoco/article/view/851>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- DEBORTOLI, Solange F. Barrozo; ALBA, Rogéria Pereira (org.). **Escola pública do campo e agroecologia: um horizonte em construção**. 1. ed. Francisco Beltrão: Assesoar, 2019.
- FERNANDES, Stéfani M.; HENN, Leonardo G.; KIST, Liane B.. O ensino a distância no Brasil: alguns apontamentos. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 9, n. e21911551, ed. 1, 2020. DOI <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1551>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/1551>. Acesso em: 13 maio 2023.
- GOHN, Daniel. A internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 21, ed. 30, p. 25-34, jan. jun. 2013. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/viewFile/79/64>. Acesso em: 10 set. 2023.
- GOHN, Daniel. Educação musical à distância: Possibilidades de uso das tecnologias. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília**, v. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/Musica/article/view/11060/9727>. Acesso em: 12 set. 2023.
- GOHN, Daniel. Tendências na educação a distância: os softwares online de música. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 113-126, jun. 2010. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/228/207>. Acesso em: 8 set. 2023.
- HOTMART. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br>. Acesso em: 29 out. 2023.
- JOHNSON, Carol. **Developing a Teaching Framework for Online Music Courses**. 2016. Tese (Doutorado) - Universidade de Calgary, Calgary, 2016. DOI 10.11575/PRISM/25620. Disponível em: <https://prism.ucalgary.ca/server/api/core/bitstreams/f54cff89-d16b-486b-8ee3-8eef9f110bd3/content>. Acesso em: 13 maio 2023.

MAIS de 50% dos brasileiros estão conectados à internet, diz Pnad. **G1**, 18 set. 2014. Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/mais-de-50-dos-brasileiros-estao-conectados-internet-diz-pnad.html> . Acesso em: 27 jul. 2023.

MARCON, N.; REBECHI, R. R. A diferença entre ensino remoto emergencial e ensino a distância. **Debate Terminológico**, [S. l.], n. 18, p. 92–100, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/109402>. Acesso em: 13 maio 2023.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. **Agência de notícias IBGE**, 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PNAD 2013: Internet pelo celular é utilizada em mais da metade dos domicílios que acessam a Rede. **Agência de notícias IBGE**, 29 abril 2015. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9840-pnad-2013-internet-pelo-celular-e-utilizada-em-mais-da-metade-dos-domicilios-que-acessam-a-rede> . Acesso em: 27 jul. 2023

SPEEDTEST Global Index. *In:* **Speedtest**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.speedtest.net/global-index>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SUZUKI, Shinichi. **Educação é amor**: o método clássico da educação do talento. 3. ed. rev. Santa Maria: Pallotti, 2008. 144 p. ISBN 1-58951-403-3.

WACHHOLZ, Neusa Regina. **A musicalização na educação integral**: Um estudo na Escola do Campo de Pio X no sudoeste do Paraná. Orientadora: Jaqueline Moll. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2020.

ZOOM system requirements: Windows, macOS, Linux. *In:* **Zoom Support**. [S. l.], 2023. Disponível em:

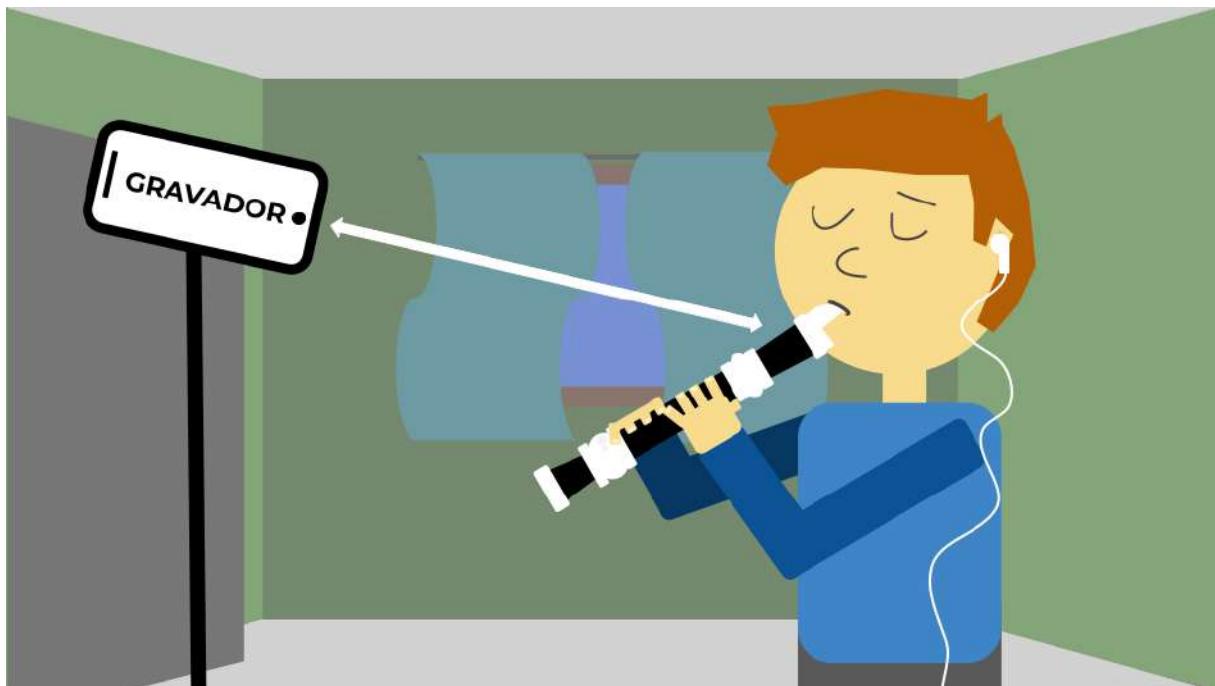
<https://support.zoom.us/hc/en-us/articles/201362023-Zoom-system-requirements-Windows-macOS-Linux>. Acesso em: 12 ago. 2023.

2022 Digital Quality of Life Index. *In:* **Surfshark**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://surfshark.com/dql2022?country=BR>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ANEXO I:

Orientações de gravação:

Como nem sempre o lugar/momento ideal para gravar o vídeo é o lugar/momento ideal para gravar o áudio, sempre recomendo gravar áudio e vídeo separadamente. Nesse caso, sugiro começar pelo áudio.



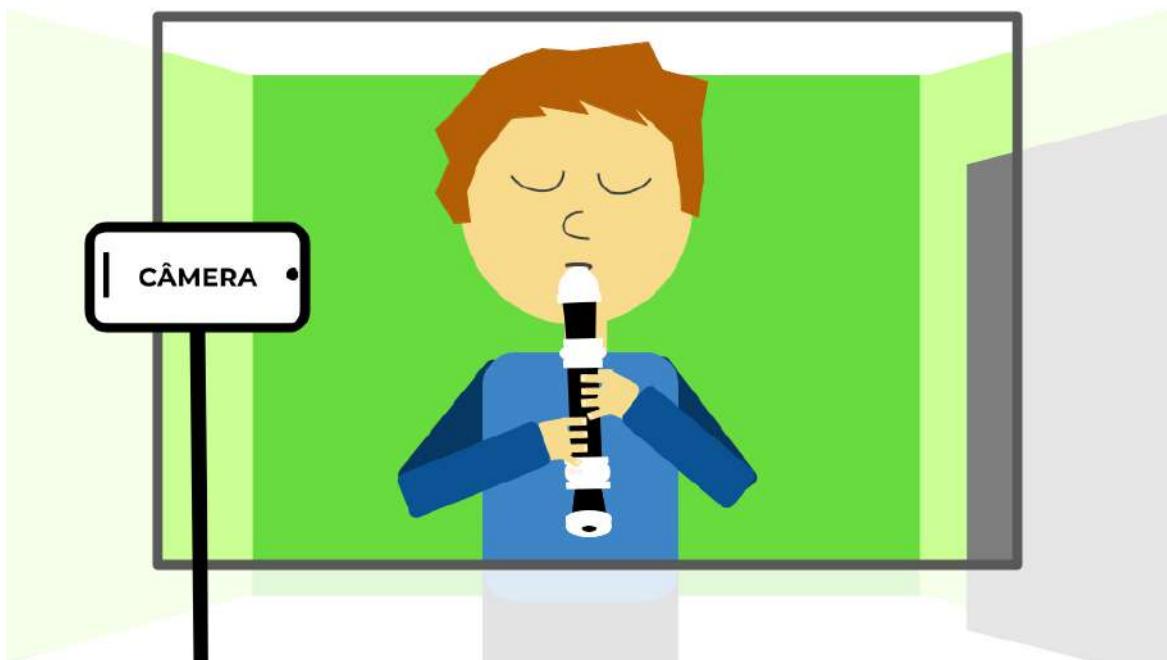
Gravação de áudio:

Para gravação de áudio é importante silêncio e alguns cuidados acústicos.

1. Sempre que possível escolha um momento do dia e um lugar onde aconteça o mínimo de barulho.
2. É importante que o espaço seja o mais “seco” possível, isto é, que não tenha muita reverberação. Nesse sentido, evite locais como cozinha e banheiro, ou ainda, salas grandes e vazias. Prefira quartos com móveis, livros, cortinas, tapetes e roupas, todas essas coisas ajudam a absorver o som.

Por exemplo: se for gravar no quarto, opte por deixar as portas do guarda-roupa abertas, coloque um tapete no chão, feche as cortinas, e deixe roupas e travesseiros espalhados pelos locais que podem refletir o som, como paredes vazias.

3. Escolha o seu melhor aparelho de gravação: Na ausência de um gravador externo, pode usar o próprio celular. Utilize o aplicativo gravador do celular ou, no caso de não ter, baixe um aplicativo específico para gravar áudio.
4. Posicione o aparelho de gravação com uma certa distância do instrumento, evite deixá-lo muito próximo. Para flautas mais graves, a distância pode ser entre um palmo a um braço, para flautas mais agudas, mais espaço.
5. Posicione o aparelho direcionado para a janela da flauta, onde sai o som.
6. Ao gravar com um áudio-guia, use sempre fones de ouvido para ouvir o áudio. Não queremos que o áudio da guia esteja na sua gravação. Para isso, talvez sejam necessários dois aparelhos, um para ouvir, outro para gravar. No computador é possível ouvir e gravar ao mesmo tempo.



Gravação de vídeo:

Para gravação de vídeo, é importante se preocupar com a iluminação e o posicionamento da câmera.

1. Grave preferencialmente de dia, aproveitando a luz do sol proveniente de uma janela, ou utilize aparelhos para iluminar
2. Cuidar sempre para ficar de frente para a luz, nunca de costas.
3. Posicione a câmera, se possível, na altura da sua cabeça, e busque um ângulo que enquadre o instrumento por inteiro.